

Swedenborg

O Mundo dos Espíritos

Segundo o que lá foi ouvido e visto

SUMÁRIO

- O estado do homem após a morte (O que é o mundo dos espíritos)
- A essência do homem é o espírito
- A ressurreição do homem e sua entrada na vida eterna
- A forma humana do espírito
- Depois da morte, o homem usufrui de todos os sentidos, da memória, do pensamento e do sentimento. É despojado apenas de seu corpo
- A vida após a morte não difere da vida na Terra
- Os prazeres espirituais na vida após a morte
- O primeiro estado do homem após a morte
- O segundo estado do homem após a morte
- O terceiro estado do homem após a morte (A preparação para a vida celeste)
- A misericórdia imediata não conduz ao Céu
- Não árdua a vida que conduz ao Céu

O ESTADO DO HOMEM APÓS A MORTE (O QUE É O MUNDO DOS ESPIRITOS)

O mundo dos espíritos não é nem o Céu nem o Inferno, mas um lugar e um estado intermediário entre um e outro; para lá o homem é enviado após a morte. Em seguida, depois de lá passar algum tempo, ele é elevado ao Céu ou conduzido ao Inferno, conforme a vida que levou na Terra.

Portanto, o mundo dos espíritos não é apenas um lugar, mas também o estado intermediário do homem após a morte. Porque o homem que aí se encontra não está nem no Céu nem no Inferno. O estado celeste de um homem é a união do bem e da verdade, e o estado infernal, a união da maldade e da falsidade. Quando o bem está unido à verdade, o espírito é conduzido ao Céu, pois essa união é o Céu. Quando a maldade está unida à falsidade, o espírito é rebaixado ao Inferno, porque essa união é o Inferno.

A união ocorre no mundo dos espíritos porque o homem, ao ser para aí conduzido, está num estado intermediário.

A união do entendimento e da vontade é a mesma coisa que a união da verdade e do bem. É preciso explicar o que é a união do entendimento e da vontade, e por que ela é idêntica à união do bem e da verdade.

O homem possui entendimento e vontade. O entendimento recebe a verdade e se constitui a partir dela; a vontade recebe o bem e se constitui através deste. Tudo o que o homem compreende e pensa segundo o entendimento chama-se verdade; tudo o que ele quer e pensa segundo a vontade chama-se bem. Pelo entendimento, um homem pode pensar e perceber se alguma coisa é verdadeira e boa, enquanto pela vontade ele decide se crê na verdade e se fará o bem.

Quando o homem quer, segundo sua vontade, ele faz o bem. O bem e a verdade estão tanto no entendimento como na vontade, pois o homem não é apenas entendimento ou vontade, mas as duas coisas reunidas. Logo, o que está no entendimento e na vontade é a essência do homem, e lhe é apropriado.

O que está apenas no entendimento não lhe pertence inteiramente. É uma aquisição da memória, um conhecimento que o homem pode expor

e discutir quando se encontra rodeado por outras pessoas, um conhecimento, enfim, que ele pode traduzir em afetos e gestos, mas que não é ele mesmo.

Essa capacidade de pensar segundo o entendimento, independentemente da vontade, foi dada ao homem para este pudesse aprimorar-se. E por meio da verdade que corrigimos nossos defeitos, e a verdade, como disse, pertence ao entendimento. De fato, não é a vontade que modifica o homem, pois es te nasce no mal e só deseja o bem à si mesmo, alegrando-se com as desgraças que sucedem aos outros.

O homem deseja apropriar-se dos bens alheios, das honras, das riquezas; quanto mais possui, maior é sua alegria.

Para que essa vontade possa ser corrigida e aprimorada, foi dada ao homem a compreensão da verdade e, a partir dela, a possibilidade de dominar as más inclinações. Pelo entendimento, o homem pode conceber, discutir e praticar a verdade, mas não chegará a ela, pela vontade, se não souber amá-la

Quando pelo entendimento o homem aprende as coisas que pertencem a sua fé e, pela vontade, aquelas que pertencem ao seu amor, então a sua fé e o seu amor se unem como o entendimento e a vontade.

Quando a verdade e o bem se unem, quando o homem deseja a verdade e a seguir a realiza, então ele está no Céu, porque o Céu é a união do bem e da verdade. Ao contrário, quando a falsidade se une à maldade, o homem está no Inferno, porque o Inferno é a união da falsidade e da maldade.

No entanto, enquanto a verdade e o bem não se unirem, o homem permanecerá num estado intermediário, que é o mundo dos espíritos.

Descontadas as poucas exceções, todo homem possui algum conhecimento da verdade e, de acordo com esse conhecimento, pode agir ou imobilizar-se ou, ainda, ir contra a verdade em razão de seu amor pela maldade e de sua fé nas coisas falsas. Para que receba o Céu ou o Inferno, o homem é conduzido logo após a morte ao mundo dos espíritos, onde o bem se unirá com a verdade se o Céu lhe estiver reservado, ou o mal se unirá à falsidade se merecer o Inferno.

Ninguém entra no Céu ou é sentenciado ao Inferno, se tiver à mente dividida, isto é, se compreender de uma maneira e desejar de outra, pois

não se pode querer senão aquilo que se compreende e não se pode compreender senão aquilo que se deseja.

No Céu, aquele que deseja o bem compreenderá a verdade; no Inferno, aquele que deseja o mal compreenderá a falsidade. No mundo dos espíritos, entre os bons, a falsidade desaparece e lhes é dada a verdade, que se harmoniza com seu bem; entre os maus, é a verdade que desaparece e lhes é dada, em troca, a falsidade, que se harmoniza com sua maldade. O que acabo de dizer é um retrato fiel do mundo dos espíritos. No mundo dos espíritos podem-se ver multidões de homens; porque todos primeiro vão para lá, onde são examinados e preparados. O tempo que aí permanecerem não é fixo; alguns, logo após chegarem, são elevados ao Céu ou rebaixados ao Inferno; outros esperam algumas semanas, ou mesmo vários anos, porém não mais de trinta anos. A duração de sua estada depende da correspondência, ou não-correspondência, do interior do homem com seu exterior.

Quando os homens entram no mundo dos espíritos, são separados em grupos pelo Senhor: os maus são imediatamente introduzidos na sociedade infernal, da qual aliás já eram membros em razão das más inclinações que desenvolveram na Terra; os bons, por outro lado, são imediatamente introduzidos na sociedade celeste, da qual também já eram membros em razão do amor, da caridade e da fé que possuíam na Terra.

Apesar disso, todos aqueles que eram amigos ou se conheciam na Terra, novamente se encontram e conversam entre si, o quanto queiram, principalmente esposas e maridos, e também irmãos e irmãs. Vi um pai conversando com seus seis filhos após havê-los reconhecido, e muitos outros tratavam com parentes e amigos; porém, como possuísem mentalidades diferentes em razão da experiência que traziam da Terra, eles se separaram algum tempo depois.

Aqueles que, após sua estada no mundo dos espíritos, são elevados ao Céu ou rebaixados ao Inferno, não mais se vêem ou se reconhecem, exceto quando possuem a mesma mentalidade, que provém do idêntico amor que os domina. Se os homens falam no mundo dos espíritos, porém não no Céu ou no Inferno, é porque durante sua estada nesse lugar, seu estado é muito semelhante ao terreno, portanto instável,

enquanto que, logo depois, seu estado torna-se constante e semelhante ao amor que os domina, a partir do qual, aliás, eles se reconhecem. A semelhança aproxima, a diferença separa.

O mundo dos espíritos, enquanto estado intermediário entre o Céu e o Inferno, é também, como se pode inferir, um lugar intermediário, tendo abaixo o Inferno e acima o Céu. O Inferno está fechado ao mundo dos espíritos; contudo, buracos e fendas lhe servem de abertura e também enormes abismos, que são guardados para que ninguém saia sem permissão, o que apenas acontece em caso de extrema necessidade.

O Céu também está fechado ao mundo dos espíritos, mas um caminho estreito permite que se ascenda até uma pequena entrada constantemente guardada. Essas são as saídas e as entradas que a Palavra Sagrada denomina portas do Inferno e do Céu.

O mundo dos espíritos tem o aspecto de um vale entre montanhas e rochas, onde se percebem alguns declives e elevações. As portas que conduzem às sociedades celestes são visíveis apenas aos que estão preparados para o Céu, ficando invisíveis para os demais. Existe uma só entrada e um só caminho que conduz ao Céu, mas à medida que o espírito ascende, multiplicam as veredas e as portas. As portas que conduzem ao Inferno, por outro lado, são apenas visíveis àqueles que devem passar por elas; quando elas se abrem, aparecem antros sombrios, como que cobertos de fuligem, que mergulham obliquamente num abismo provido de numerosas portas. Desses antros exalam vapores nauseabundos e fétidos, dos quais os bons espíritos fogem com aversão, enquanto os maus espíritos buscam-nos e aspiram-nos com prazer.

Todo aquele que, na Terra, sentiu prazer na maldade, depois da morte sentirá prazer aspirando o fedor que corresponde a esse mal. Pode-se comparar os maus espíritos aos pássaros e aos animais carnívoros, tais como corvo, o lobo e os porcos, que, ao perceberem algum fedor, correm em busca da matéria putrefata ou do excremento que o produziu. Eu ouvi um desses espíritos emitir gritos lancinantes, como se torturado interiormente, quando foi atingido por um sopro que emanava do Céu, mas que depende permaneceu tranqüilo e feliz ao aspirar uma exalação que provinha do Inferno.

Também em cada homem existem duas portas: uma se abre para o Inferno e deixa entrar a maldade e a falsidade; a outra se abre para o Céu e deixa entrar o bem e a verdade. A porta do Inferno permanece aberta nos espíritos que são malignos e falsos. Estes recebem a luz do Céu através de minúsculas fendas, pois sem esse influxo não poderiam pensar, raciocinar e falar. A porta do Céu, por outro lado, permanece sempre aberta naqueles que só desejam o bem e a verdade.

Conseqüentemente, são dois os caminhos que conduzem à compreensão racional: o caminho superior ou interno, através do qual passam o bem e a verdade que emanam do Senhor; e o caminho inferior ou externo, através do qual passam o mal e a falsidade gerados no Inferno. A compreensão racional é o centro aonde ambos os caminhos vão dar.

Quanto mais luz celeste penetra no homem, maior é a sua compreensão. Na ausência dessa luz, o homem apenas aparenta ser racional, sem o ser verdadeiramente. Estas coisas estão sendo ditas para demonstrar qual é a correspondência do homem com o Céu e com o Inferno.

A compreensão racional, em seu período de formação, corresponde ao mundo dos espíritos. O que está acima desse nível de compreensão corresponde ao Céu, o que está abaixo corresponde ao Inferno. Aqueles que estão sendo preparados para o Céu olham nessa direção, continuamente, enquanto os demais olham para baixo, na direção do Inferno que lhes está destinado.

Quem olha para cima vê o Senhor, porque Ele é o centro para onde se voltam todas as coisas do Céu. Quem olha para baixo, vira as costas ao Senhor e olha o centro oposto, que atrai todas as coisas do Inferno.

Gostaria de esclarecer que, neste Capítulo e nos seguintes, sempre que eu empregar a palavra espírito, estarei me referindo aos habitantes do mundo dos espíritos, e não aos anjos, que são os habitantes do Céu.

A ESSÊNCIA DO HOMEM E O ESPÍRITO

Quem refletir com cuidado concordará comigo que a capacidade de pensar não reside no corpo, mas na alma, que é a nossa substância espiritual. A alma, sobre cuja imortalidade muito já se escreveu, é o espírito do homem. Esse espírito, com efeito, é imortal, e está dotado da capacidade de pensar, pois sua substância abriga influxos espirituais e perdura espiritualmente - o que significa que possui razão e vontade.

Toda a nossa vida racional concentra-se, portanto, no espírito; o corpo é apenas matéria e foi acrescentado ao espírito para que este pudesse; entrar em atividade no mundo natural. No mundo natural todas as coisas são materiais e, em si mesmas, desprovidas de vida. Ora, se a substância vital não é material, mas espiritual, logo se conclui que, no homem, o que está vivo é seu espírito - o corpo apenas serve ao espírito, tal como um instrumento serve à força motriz que o anima. Diz-se comumente, de qualquer instrumento, que ele atua, trabalha ou se move, mas é uma ilusão, porque existe algo atrás do instrumento que o comanda.

A sensação e o sentimento - enfim, a vida do corpo - pertencem unicamente ao espírito; segue-se que o homem se define por seu espírito, ou, para dizer com outras palavras, que o homem é essencialmente o espírito. Tudo o que no homem vive e sente, pertence a seu espírito. Em conseqüência, quando o corpo se separa do espírito, na morte, o homem permanece igual a si mesmo. Contaram-me no Céu que, antes de serem ressuscitados, alguns homens permanecem conscientes em seu leito de morte, embora já não possam mover seus membros, que estão rígidos e gelados. Isso prova o que afirméi acima.

O homem não teria desejos nem pensamentos se não possuísse uma substância que conformasse seus pensamentos e desejos. É fácil demonstrar isso pelo fato de que o homem precisa, para poder ver ou ouvir, de um órgão que é a razão substancial de sua visão ou audição. Sem tais órgãos, nem a visão nem a audição funcionariam ou seriam possíveis.

O mesmo sucede com o pensamento, que é a visão interna, e com a percepção, que é a audição interna - ambos não existiriam absolutamente sem alguma substância que atuasse como o órgão correspondente.

Disso resulta que o espírito do homem não apenas possui uma forma humana como está provido dos sentidos,, mesmo ao se separar do corpo. Tudo o que o homem possui - a vida, os olhos, as orelhas, em uma palavra, os sentidos - não pertence ao corpo, mas ao espírito que o anima.

Após separar-se do corpo, os espíritos vêem, ouvem e sentem como os homens, entretanto não no mundo natural, mas no mundo espiritual. Enquanto habitava o corpo, o espírito era capaz de sentir materialmente através da substância natural que lhe fora acrescentada, mas ao mesmo tempo também podia sentir espiritualmente, através do pensamento e da vontade.

Digo essas coisas para que o homem racional se convença de que o homem, considerado em sua essência, é um espírito. A matéria corporal que lhe foi acrescentada, para que pudesse atuar no mundo natural, não é o homem, mas apenas um instrumento de sua substância imortal.

Sem dúvida, ao tratarmos desse assunto, as confirmações que podemos retirar da experiência são preferíveis, pois existem pessoas - e não são poucas - que se mostram incapazes de apreender as coisas racionalmente; outras, que defendem opinião contrária, transformam nossas deduções em dúvidas por meio de argumentos elaborados a partir das ilusões dos sentidos. Afirmam que os animais vivem e sentem como os homens, ou que possuem um espírito semelhante ao nosso, embora este desapareça com a morte no corpo.

A substância espiritual dos animais não é semelhante à do homem, pois este recebe, em seu recesso mais íntimo, influxo do Divino, elevando-se até Ele e unindo-se a Ele. Ora, quem se une ao Divino não pode, ao fim, dissipar-se, mas aquele que jamais se une a Ele, sim.

Em outro lugar já tratei desse assunto, mas vale a pena recordar aqui o que disse antes, pois é necessário destruir as ilusões defendidas por um grande número de pessoas a quem talvez falte conhecimento ou entendimento para apreender racionalmente a verdade.

Os anjos permitiram-me que revelasse este arcano, segundo o qual, em cada anjo e em cada homem, existe um recesso íntimo ou supremo, onde o Divino incide primeiro e de mais perto. Esse recesso íntimo pode ser denominado a entrada do Senhor, ou seu domicílio. E porque possui

esse recesso, o homem pode ser declarado humano e se distinguir dos animais; contrariamente aos irracionais, ele é capaz de, através da razão, elevar-se até o Senhor, crer nele, amá-lo e por fim vê-Lo. Pode também receber a inteligência e a sabedoria, falar segundo a razão, e ainda viver eternamente.

Entretanto, o que quer que exista nesse recesso íntimo, nem os anjos podem apreender, porque está acima de sua compreensão e sabedoria.

Foi-me demonstrado, através de numerosas experiências, que o homem é espírito, interiormente, mas se quisesse agora relatá-las, preencheria vários volumes. Falei com os espíritos como espírito e também lhes falei como homem. Quando eu tratava com eles como espírito, consideravam-me como igual, pois meu corpo material não era percebido, ainda que minha forma humana se conservasse como tal. Como disse anteriormente, a forma do espírito é a forma humana.

O homem, interiormente, é espírito: isso é confirmado pelo fato de que, após a morte, ou após a separação do corpo, ele esteja tão vivo como antes. A fim de que me convencesse disso, permitiram que, na outra vida, conversasse com todos aqueles que conhecera na Terra. Com alguns falei durante horas, com outros durante semanas e meses, e com uns durante anos. Tudo isso para que eu pudesse testemunhá-lo depois.

Ainda poderia acrescentar que, durante a vida terrena, todo homem é membro de uma sociedade de espíritos, embora não o sabia. O homem que é bom pertence a uma sociedade angelical, e o homem malévolos a uma sociedade infernal. Após a morte, cada espírito é acolhido no seio de sua respectiva sociedade.

Durante sua permanência na Terra, é verdade que nenhum homem pode estar nessas sociedades na condição de espírito, a não ser quando pensa abstratamente: então ele é capaz de, nelas, aparecer em espírito, e, quando isso sucede, é facilmente identificado. Caminha pensativo, silencioso, sem elevar os olhos do chão, como se não percebesse ninguém. Quando algum espírito lhe dirige a palavra, ele imediatamente desaparece.

Para provar que o homem, em sua essência, é espírito, gostaria de relatar a seguinte experiência que vivenciei: ser desligado do corpo e conduzido em espírito a outro lugar. Eis o que se passa quando o espírito

é desligado do corpo: o homem permanece num certo estado que se situa entre o sono e a vigília. No entanto, todo tempo ele está convicto de que continua inteiramente desperto.

Os seus sentidos estão ativos e, o que é mais extraordinário, o tato adquire uma finura inesperada, nunca antes experimentada. Foi ao encontrar-me nesse estado que vi os espíritos e os anjos. Pude também ouvi-los e, o que é mais desconcertante, tocá-los, aparentemente sem o recurso de nenhum órgão do corpo, embora não compreendesse onde me encontrava, se no corpo ou fora dele.

Em duas ou três ocasiões me foi permitido repetir essa mesma experiência, para que me certificasse definitivamente de que os espíritos e os anjos usufruem todos os sentidos, e que o homem também deles está dotado ao separar-se do corpo.

Foi-me ainda mostrado, através de duas ou três experiências, o que significa "ser conduzido pelos espíritos a um outro lugar". Contarei uma dessas experiências: certa vez, enquanto caminhava pelas ruas de uma cidade e depois pelo campo, mantive uma longa conversa com os espíritos, mas sentia que estava perfeitamente desperto e observava as coisas ao meu redor. Assim, podia caminhar sem receio de perder-me enquanto cruzava bosques, riachos, palácios, casas, homens... Mas, depois de algumas horas, dei-me conta de que estava num lugar completamente diferente; bastante surpreso, concluí que essa experiência correspondia à de certos caminhantes "que foram conduzidos por espíritos a um outro lugar".

Durante o tempo que dura esse estado, o caminhante não percebe a estrada, e pode percorrer quilômetros; tampouco está consciente do tempo, e ainda que o passeio dure dias, não sentirá nenhuma fadiga. O caminhante é assim conduzido sempre à frente, e sem erro, por caminhos que ele mesmo ignora.

Tais estados são extraordinários, mas foi-me permitido vivenciá-los porque são conhecidos da Igreja. Há vários anos converso com espíritos e posso estar entre eles como um igual, ainda que meu corpo permaneça inteiramente desperto.

A RESSURREIÇÃO DO HOMEM E SUA ENTRADA NA VIDA ETERNA

Quando o corpo deixa de cumprir as funções que possibilitam ao espírito ter pensamentos e sentimentos no mundo natural, então o corpo morre. Isso acontece ao cessarem os movimentos dos pulmões e os do coração.

Contudo, na verdade, o homem não morre, ele apenas se separa da matéria corporal que lhe servia de terra. Ele vive, pois sua essência não está no corpo, mas no espírito. É o espírito que pensa, e o pensamento unido ao sentimento constitui o homem. Portanto, é evidente que o homem, ao morrer, apenas se transporta de um mundo para outro. Por essa razão, a Palavra Sagrada afirma que a morte significa a ressurreição e a continuação da vida.

O espírito está em comunicação íntima com a respiração e os batimentos cardíacos. O pensamento está relacionado à respiração, e o sentimento ao coração. Em consequência, quando esses dois movimentos cessam, quebram-se os laços que uniam o espírito ao corpo. Este, ao ser privado de vida espiritual; torna-se frio e se decompõe. Os movimentos vitais, todo e em parte, derivam da comunicação íntima do espírito com a respiração e o coração.

Após a separação, o espírito ainda permanece algum tempo no corpo, até que os movimentos do coração cessem por completo. Em alguns, o movimento do coração perdura por muito tempo, em outros, pelo contrário, cessa rapidamente. Então, o homem é ressuscitado, por obra exclusiva do Senhor. A ressurreição é a libertação do espírito e sua entrada no mundo dos espíritos.

O espírito não pode ser retirado do corpo se o coração não estiver cessado inteiramente, porque o coração está vinculado ao sentimento do amor, e esse sentimento é a própria vida do homem: seu calor vital provém do amor. Portanto, enquanto persiste a correspondência entre coração e sentimento, existe vida espiritual no homem.

Foi-me permitido assistir ao processo de ressurreição; aliás, eu próprio fui ressuscitado, para que adquirisse pleno conhecimento do assunto.

Vi-me reduzido a um estado de completa insensibilidade física, bastante semelhante ao de um agonizante, mas preservei a consciência e assim pude perceber e guardar na memória todo o processo da ressurreição dos mortos.

A essa altura, a respiração do corpo quase cessara. Contudo, a respiração do espírito continuava unida a esse fraco e tácito alento. Então se estabeleceu a primeira comunicação entre o movimento do meu coração e o Reino Celeste, pois esse reino corresponde ao coração humano. Vi os anjos desse reino. Alguns se encontravam muito afastados de mim, mas dois se sentaram a minha cabeceira. Embora desprovido de emoções, eu continuava consciente e tudo percebia ao meu redor; permaneci nesse estado durante várias horas. Alguns espíritos, que também se haviam concentrado ao meu redor, retiraram-se, crendo-me morto. Um aroma, que imediatamente identifiquei como o odor que emana de cadáveres embalsamados, espalhou-se no ar, pois quando os anjos celestes se apresentam, a matéria sem vida exala um perfume agradável. Quando os espíritos percebem esse aroma, eles não se aproximam, de maneira que os maus dentre eles não podem interferir no momento em que o homem ressuscita para a vida eterna.

Os anjos que estavam sentados à minha cabeceira guardavam silêncio, mas me comunicavam seus pensamentos. Quando essa comunicação de pensamentos se estabelece, o espírito do homem está pronto para ser retirado do corpo. Os anjos mantinham os olhos voltados para a minha face, pois também no céu a comunicação de pensamentos se faz dessa maneira.

Todavia, como eu continuasse consciente e de posse de minhas faculdades mentais, compreendi que os anjos examinavam meu pensamento, a fim de se certificarem de que o mesmo correspondia ao pensamento de um morto. O homem, quando expira, carrega consigo apenas o seu último pensamento, mas depois recupera a memória de sua vida anterior.

A seguir me senti como que estimulado a abandonar meu corpo; imediatamente meu espírito começou a desligar-se dele e finalmente viu-se livre. Esclareceram-me, mais tarde, que essa operação só era realizada pelo próprio Senhor, a quem cabia ressuscitar os mortos.

Os anjos não abandonam o ressuscitado, mas continuam a seu lado, porque eles amam a todos os homens. Contudo, quando o espírito é tal que não pode permanecer na sua companhia e deseja separar-se, então novos anjos aparecem. Estes lhe trazem a luz, pois até esse momento o espírito nada podia ver, apenas pensava. Foi-me mostrado como isso era feito: os anjos como que retiram uma bandagem do meu olho direito, estirando-a até o nariz, devolvendo-me a capacidade de ver. Trata-se de um gesto ilusório, mas que ao espírito se apresenta como real.

Primeiramente, o espírito distingue uma luz nebulosa, como ocorre ao homem que ao despertar mantém as pálpebras semi cerradas. Segundo me recordo, essa luz era azul-celeste, mas depois me disseram que seu matiz costuma variar. Foi então que senti no rosto o roçar de alguma coisa suave, após o que pensamentos espirituais inundaram-me a mente. Os anjos ainda estavam a meu lado, pois seu papel é impedir que ao ressuscitado ocorram idéias que não procedam do seu amor.

Depois de devolverem-lhe a luz, os anjos prestam ao espírito todo tipo de serviço que no seu estado possa ser necessário, e instruem-no nas coisas da outra vida, mas nunca dizem mais do que ele é capaz de apreender.

Quando o ressuscitado não deseja ser instruído, ele se separa dos anjos, que de outro modo não o abandonariam. Os anjos amam a todos os homens e seu maior prazer é servi-los, instruí-los e conduzi-los ao Céu. Mas o ressuscitado que deles se afasta logo encontra bons espíritos: estes o recebem em sua sociedade e lhe prestam muitos serviços.

Todavia, se em sua passagem pela Terra o espírito não viveu na sociedade dos bons, então ele também se separa desses espíritos. A partir daí ele conhecerá novas sociedades, até encontrar aquela que melhor lhe convenha, por estar de acordo com sua experiência de vida terrena. Ao reunir-se finalmente a uma sociedade de espíritos, ele levará uma vida semelhante àquela da Terra.

Mas esse estado do homem após a morte dura apenas alguns dias. Comentarei mais adiante como o homem é conduzido de um estado a outro e finalmente ao Céu ou ao Inferno. Tive várias experiências que me autorizam a falar sobre o assunto.

Conversei com alguns ressuscitados no terceiro dia após sua morte e todos eles confirmavam essa experiência que relatei. Três desses espíritos eram meus conhecidos da Terra e lhes disse que seu sepultamento já havia sido providenciado. Ficaram como que paralisados à menção da palavra "sepultura", depois responderam que ainda estavam vivos e que na Terra restara apenas a matéria que lhes havia servido.

Admiravam-se de que, durante sua estada na Terra, não tivessem acreditado que existia vida após a morte, contudo lhes pareceu mais extraordinário o fato de que os homens da Igreja fossem tão ignorantes quanto eles sobre esse assunto.

Pode-se imaginar o quanto ficam confusos, ao entrarem no mundo dos espíritos, aqueles que na Terra não acreditaram na vida após a morte. Alguns continuam negando essa possibilidade, de maneira que são separados dos espíritos que têm fé e conduzidos a outra sociedade, mais freqüentemente a uma sociedade infernal, constituída por espíritos que negam o Divino e desprezam as verdades da Igreja. A cada vez que reafirmam essa postura, mais se afastam do Céu.

A FORMA HUMANA DO ESPÍRITO

A forma dos espíritos é a forma humana. A matéria é adicionada ao espírito e assume a forma deste, porque é segundo sua forma que o espírito se reveste de matéria. O espírito do homem está ativo em cada parte do corpo, mesmo na menor delas quando espírito não mais atua, as partes do corpo deixam de viver. O pensamento e a vontade são propriedades do espírito e não do corpo-ora, é o pensamento e a vontade que comandam as partes do nosso corpo, fazendo-as agir, ou rejeitando-as, quando elas deixam de obedecer-lhes.

Se o espírito, após separar-se do corpo, não pode ser percebido como uma forma humana, é porque o órgão de visão do homem - o olho - pertence ao seu corpo e só pode apreender as coisas materiais, da mesma forma como o espírito só pode apreender as coisas espirituais. Quando o olho do corpo está velado e não exerce influência sobre o olho do espírito, então os espíritos podem ser vistos na sua forma humana, tanto aqueles que habitam o mundo dos espíritos como os que, no mundo natural, vivem num corpo material.

A forma do espírito é uma forma humana porque o homem, enquanto espírito, foi criado segundo a forma do Céu. A mente humana possui configuração que reproduz a ordem das coisas do Céu. É por isso que o homem possui inteligência e sabedoria; e quem assim está dotado, pode afirmar que recebeu o Céu. Mostrei que o Céu, no seu todo ou em parte, representa um homem. Pois o Céu e sua forma derivam da Humanidade Divina do Senhor.

O homem racional pode compreender essas verdades, mas o homem que não é racional disso é incapaz, e por diversas razões, a principal é que ele está cego por falsas verdades. O homem que não vê nem compreende fechou o caminho celeste à sua razão. Contudo, ele pode reabri-lo, se sua vontade não oferece resistência.

Foi-me mostrado, através de várias experiências, que qualquer homem pode compreender a verdade e voltar a usufruir a razão, se esse for seu desejo. Não é raro que algum mau espírito, transformado em ser irracional, porque na Terra nega o Divino e as verdades da Igreja, de repente se volte, guiado por uma força divina, na direção daqueles que estão na luz da verdade. Então ele compreende a verdade como os próprios anjos, e logo a seguir o declaram. Mas, quando ele volta a ser o que era antes e se deixa novamente dominar pela falsa verdade, já que não compreende mais nada e o sentido das coisas que então diz é muito diverso.

Ouvi alguns espíritos infernais afirmar que estavam conscientes de que faziam o mal e de que aquilo em que pensavam era falso, mas que lhes era impossível resistir a esse prazer, porque possuíam uma vontade maligna, que os induzia a ver o mal como bem e o bem como mal. Daí se infere que aqueles que estão na falsidade poderiam compreendera

verdade, e, em conseqüência, ser racionais, se assim o desejassem. Se eles não conseguem mudar, é porque amam a falsidade em detrimento da verdade, e essa falsidade se harmoniza com a maldade em que estão mergulhados. Amare querer é a mesma coisa, pois aquilo que o homem quer ele ama, e aquilo que ele ama ele quer. Portanto, o homem compreenderá a verdade, se o desejar.

Quis demonstrar, através argumenteis racionais, as verdades espirituais que pertencem à Igreja e ao Céu, a fim de que a falsidade, que cm muitos embotou a razão, pudesse ser dissipada e com isso sua visão estreita se abrisse. Todos aqueles que possuem a verdade podem confirmá-la, como eu o fiz, através de argumentos racionais.

Quem compreenderá a Palavra Sagrada, se não se servir da razão para apreender a verdade que ela anuncia? Foi porque adotaram outro procedimento que os homens retiraram tantas heresias da Palavra.

Foi-me provado, através de experiência que tive alguns anos atrás, que o espírito do homem possui uma forma humana após a morte. Vi milhares de espíritos, ao mesmo tempo em que podia ouvi-los e dirigir-lhes a palavra. Disse-lhes que os homens não acreditam na forma humana dos espíritos, e quando alguém afirma acreditar, é chamado de simplório pelos eruditos. Ao tomarem conhecimento de que uma tal ignorância ainda existia no mundo, e particularmente na Igreja, os anjos ficaram aflitos.

Essa ignorância, acreditam os espíritos, é estimulada principalmente pelos eruditos, cuja maneira de pensar concebe a alma a partir de argumentos de fundo sensual e corporal, definindo-a como um simples pensamento. Quando a alma é considerada sem uma razão na qual e a partir da qual ela exista, torna-se volátil, puro éter, que acabará por dissipar-se após a morte do corpo. A Igreja, por sua vez, seguindo a Palavra Sagrada, acredita na imortalidade da alma, mas apenas reconhece na alma uma vitalidade semelhante à do pensamento, recusando-se a atribuir-lhe o uso dos sentidos, a menos que a alma esteja unida a um corpo. Sobre essa opinião desenvolveu-se a doutrina da ressurreição e da união da alma com o corpo no Juízo Final. Quem concebe a alma a partir dessa doutrina ou hipótese não consegue

absolutamente aceitar que a alma seja um espírito e que esse espírito tenha a forma humana.

Pouquíssimos homens atualmente sabem o que é a substância espiritual, e uma parcela ainda menor reconhece que ela está dotada de forma humana e que essa forma é a de todos os espíritos e de todos os anjos.

Disso resulta que, ao chegarem na outra vida, os homens são tomados por grande assombro quando constatarem que foram ressuscitados e que ainda são homens, que podem ver, ouvir, falar e que seu corpo também goza do sentido do tato - em poucas palavras-, que continuam de posse de tudo o que tinham na Terra.

Não nos assombra apenas esse estado, pois igualmente se mostram surpresos ao se darem conta de que, na Igreja, ninguém sabe nada a respeito da vida após a morte, nem a respeito do Céu e do Inferno. Então se perguntam por que essa verdade não se manifesta ao homem através de visões. pois ela é um ponto essencial da fé da Igreja. Foi-lhes dito que assim poderia ter sido feito, pois para o Senhor tudo é possível, mas que aqueles que estão convencidos da falsidade e negam a verdade ;amais acreditariam, ainda que vissem por si mesmos.

Quando um homem entra no mundo dos espíritos, após a ressurreição, ele possui a mesma face, a mesma voz, porque seu estado é exterior, e seu interior ainda não foi descoberto; tal é o primeiro estado do homem após a morte. Mas logo depois sua face muda e torna-se outra. Ela se torna semelhante ao amor que reina em seu interior, a esse mesmo amor no qual seu espírito estava imerso quando residia no corpo. A face do espírito difere muitíssimo da face do corpo, pois a face do corpo é herdada dos pais, enquanto a do espírito corresponde ao sentimento constituindo em sua imagem. Tal é a face que o espírito adquire quando se separa de seu exterior e seu interior deixa-se revelar. Esse estado é o terceiro estado do homem, de que falarei mais adiante.

Vi alguns homens que acabavam de chegar da Terra. Pude imediatamente reconhecê-los por causa de sua face e do som de suas vozes, porém, mais tarde, quando eles novamente se apresentaram a mim, já não os reconheci. Os que possuíam bons sentimentos adquiriram

um belo rosto, mas os que possuíam sentimentos torpes adquiriram uma face disforme.

O espírito do homem é o próprio sentimento, e a face do espírito a forma externa do sentimento. As faces se transformam, quando os homens chegam na outra vida, porque a ninguém é permitido simular sentimentos nem assumir uma face que não corresponda ao amor que o domina. Todos, nesse estado, são obrigados a falar o que realmente pensam, e a mostrar, através do rosto e dos gestos, sua verdadeira vontade. Resulta daí que a face de cada espírito é a face terrena, mas a forma e a efígie de seu sentimento, de maneira que, embora os espíritos sejam reconhecidos no mundo dos espíritos, não o serão mais no Céu e no Inferno.

A face dos hipócritas se altera mais lentamente do que a face dos demais, porque eles adquiriram o hábito de compor seu interior segundo a imagem cios bons sentimentos. Durante algum tempo, eles se apresentam sem deformidades. Mas como são sucessivamente despojados de suas simulações, seu interior finalmente adquire a forma do seu sentimento dominante, tornando se mais disforme do que os dos outros espíritos.

Os espíritos que falam como os anjos, embora interiormente só reconheçam o reino natural, negando o Divino e as coisas que pertencem à Igreja e ao Céu, são os hipócritas.

A forma humana de cada homem torna-se mais bela, quando ele amou as Verdades Divinas e procurou viver segundo elas. O interior de cada homem expõem na outra vida e adquire a forma de seu amor e de sua vida. O sentimento é profundo, mais ele se harmoniza com o Céu e, por conseguinte, mais bela se torna à face do espírito.

Desse modo, justamente porque adquiriram as formas do amor celeste, os anjos do Céu, quanto mais próximos estão do Divino, mais belos se tornam.

Os homens que amaram e viveram apenas superficialmente as Verdades Divinas são espíritos de menor beleza: somente sua face brilha, uma vez que o amor interior celeste não resplandece na forma exterior, e esta não adquire, em consequência, todo o esplendor da forma do Céu. Em sua face persiste algo relativamente obscuro que nunca é

revivificado pela irradiação da vida interior. Em uma palavra: a perfeição aumenta na medida em que é mais profunda e diminui na medida em que se torna mais exterior; o mesmo sucede à beleza.

Vi a face mais interior dos anjos do Céu: era tal que jamais artista algum poderá, com toda sua arte, reproduzir dando às cores um brilho que corresponda à milionésima parte da luz e da vida que nela resplandece; mas a face dos anjos do Céu mais exterior pode, até certo ponto, ser reproduzida pela pintura.

Concluindo, mencionarei um arcano que até o momento a ninguém ainda foi revelado: todo bem e toda verdade que constituem o Céu apresenta-se numa forma humana, quer se considere seu conjunto, quer cada uma de suas partes, mesmo a mais ínfima. Essa forma afeta a todos que recebem do Senhor o bem e a verdade, de maneira que, no Céu, cada ser adquire sua forma humana através da recepção do Divino. Em consequência, o Céu é semelhante a si mesmo, quer se considere o comum ou o particular, e a forma humana é a forma do Céu, ou seja, de cada sociedade angelical e de cada anjo. A isso é necessário acrescentar que a forma humana também configura os pensamentos que procedem do amor celeste entre os anjos. Para os homens, esse arcano é de difícil compreensão, mas é acessível aos anjos, que possuem a luz celeste.

DEPOIS DA MORTE, O HOMEM USUFRUI DE TODOS OS SENTIDOS, DA MEMÓRIA, DO PENSAMENTO E DO SENTIMENTO. É DESPOJADO APENAS DE SEU CORPO

Várias experiências mostraram-me que o homem, ao entrar no mundo dos espíritos após a morte, leva consigo tudo o que lhe pertencia na Terra, exceto seu corpo. Quando o homem entra no mundo espiritual, ele possui um corpo igual àquele que lhe servira na Terra, sem qualquer diferença aparente. Entretanto, esse corpo é espiritual, e, por isso, está

separado e purificado das coisas terrestres. O espírito pode ver e tocar a substância espiritual, como o homem natural faz em relação às coisas naturais. Disso resulta que o homem, ao tornar-se espírito, imagina que ainda está no corpo que possuía na Terra e, em consequência, não sabe que morreu. O espírito goza de todos os sentidos internos e externos que possuía na Terra: vê, escuta e fala, como fazia antes. Também possui paladar e olfato, e sente pelo tato. Possui inclinações, formula desejos, pensa, raciocina, ama e vê tal como antes.

Aqueles que apreciam os estudos, lêem e escrevem, pois o homem, quando passa de uma vida para outra, apenas desloca-se de um lugar para outro. Não se pode afirmar que, após a morte, o homem é destituído das coisas que lhe pertenciam na Terra. Também carrega consigo a memória, isto é, tudo aquilo que no mundo ele ouviu, viu, leu, aprendeu, pensou, desde a primeira infância até seu último momento de vida. Todavia, certos objetos naturais que estão na sua memória não podem ser reproduzidos no mundo espiritual: esses objetos permanecem em repouso, como acontece quando não se pensa neles; no entanto, eles poderão ser reproduzidos se isso agradar ao Senhor.

A seguir, falarei sobre a vantagens de se possuir a memória na outra vida. O homem que confia apenas nos sentidos não acredita no estado exterior do espírito. Ele pensa as coisas espirituais como se lidasse com coisas materiais e não espirituais. O que ele não pode sentir, ver ou tocar não existe para ele; o seu comportamento é parecido com o de Tomé, conforme se lê em João, XX, 25, 26, 27, 28, 29.

Existe uma grande diferença entre a vida espiritual e a vida natural no que concerne aos sentidos internos e externos e aos sentimentos que lhes correspondem. Os espíritos que se encontram no Céu, sentem, vêem e ouvem de maneira muito mais precisa e pensam igualmente de maneira muito mais sábia do que quando residiam na Terra. Eles vêem através da luz do céu, que ultrapassa infinitamente a luz do mundo. Ouvem numa atmosfera espiritual que igualmente ultrapassa a atmosfera terrestre. A diferença entre esses sentidos internos e externos é comparável à que existe entre a claridade de um céu sereno e a obscuridade de um céu tempestuoso, ou entre a luz do meio-dia e a escuridão noturna. A luz do Céu, com efeito, na medida em que é a Verdade Divina, confere à visão

dos anjos a faculdade de perceber e distinguir objetos minúsculos, que, b visão natural passariam despercebidos.

Entre os anjos, a visão externa corresponde à visão interna, que é o seu entendimento, pois neles uma visão influi na outra e constitui um todo, conferindo-lhes grande penetração. Sucede o mesmo quanto à audição, que corresponde à percepção que pertence tanto ao entendimento como à vontade. E por isso que os anjos podem distinguir, no som de uma voz, ou nas palavras proferidas, os sentimentos e os pensamentos do falante. No som, distinguem o que pertence ao sentimento, e, na palavra, o que pertence ao pensamento.

Entretanto, entre os anjos, os outros sentidos não são precisos como a visão e a audição, porque apenas estes últimos servem à inteligência e à sabedoria. Se tivessem o mesmo grau de finura, os outros sentidos anulariam a luz e o prazer da sabedoria angelical, pois revelariam aos anjos o encanto dos prazeres do corpo, enfraquecendo-lhes o entendimento à medida que sua influência aumentasse. Acontece o mesmo na Terra, onde os homens se mostram incapazes de admitir a verdade espiritual quando se entregam inteiramente aos prazeres do paladar e às seduções do tato.

Os sentidos interiores dos anjos - que são a sede do pensamento e do sentimento - apresentam-se muito mais refinados e perfeitos do que os sentidos correspondentes nos homens.

Grande também é a diferença entre o estado daquele que está no Inferno e seu estado anterior na Terra, pois, contrariamente ao que sucede com os espíritos que se elevaram a anjos, seus sentidos adquiriram o máximo de imperfeição.

Foi-me mostrado, através de numerosas experiências, que o homem está de posse de sua memória ao chegar ao mundo dos espíritos. A esse respeito, ouvi coisas dignas de serem relatadas, das quais exporei algumas a seguir. Certos espíritos negavam as infâmias e os crimes que haviam cometido na Terra; a fim de que não fossem considerados inocentes, todas as suas ações foram exibidas e recenseadas a partir de sua memória, em ordem cronológica, desde a infância até a morte; revelou-se que eram adúlteros e libertinos. Outros espíritos, servindo-se de pérfidas artimanhas, haviam enganado e roubado, e essas artimanhas

foram finalmente enumeradas, junto com os correspondentes furtos, embora ninguém mais tivesse conhecimento disso na Terra, senão os próprios espíritos. Eles foram obrigados a confessar as ações à medida que elas iam sendo trazidas à luz, juntamente com os pensamentos, as intenções, os prazeres e os temores com que estavam relacionadas.

Outros espíritos haviam recebido presentes e transformado a justiça num negócio; eles foram devidamente examinados segundo sua memória, e, por esse meio, todas as suas ações acabaram sendo recenseadas, desde a primeira até a última; a natureza e a importância de cada má ação, a ocasião em que foi cometida, o estado mental que a determinou, a intenção que estava por trás dela, tudo isso foi trazido à lembrança dos espíritos e exibido. Essas ações eram numerosas e - coisa surpreendente, algumas haviam sido registradas em seu tempo: diários foram abertos na frente dos espíritos e procedeu-se à leitura, página por página.

Alguns espíritos que haviam seduzido e violado moças solteiras tiveram julgamento semelhante, pois suas ações foram retiradas da memória e relatadas publicamente. Os rostos de suas vítimas tornaram-se visíveis, como se aquelas moças realmente estivessem presentes, ao mesmo tempo em que eram trazidas à tona lugares, discursas, disposições de espírito, do sedutor e da seduzida, e tudo isso tão subitamente como quando uma coisa real surge à vista. Essas manifestações podem, às vezes, durar muitas horas. Um certo espírito havia considerado que caluniar os outros era coisa sem importância; eu ouvi a enumeração de suas críticas e difamações nos próprios termos em que as expressara, juntamente com a indicação das pessoas difamadas e do lugar em que tal coisa ocorreu. Tudo isso foi reproduzido de maneira muito viva, embora o espírito tivesse, na Terra, se aplicado em manter secreta cada difamação.

Um outro espírito, servindo-se de um pretexto fraudulento, privou alguns membros de sua própria família a herança que lhe pertencia: quando ele finalmente foi julgado, todas as cartas e bilhetes que escrevera na ocasião foram lidos em minha presença, sem se omitir nenhuma palavra. Esse mesmo espírito, poucos dias antes de sua morte, havia secretamente envenenado um vizinho; esse crime foi revelado da

seguinte maneira: mostrou-se o espírito abrindo uma fossa, da qual saiu um homem, que gritou: "O que você me fez?!" Depois foram reveladas todas as circunstâncias do crime: o envenenador havia conversado amigavelmente com sua própria vítima e lhe passara o copo com o veneno; mostrou-se também quais tinham sido seus pensamentos e o que aconteceu após a consumação do crime. Quando tudo foi descoberto, enviaram o criminoso ao Inferno.

Todas as más ações, todos os crimes, roubos, artimanhas, trapaças que estão nas memórias do espírito malévolos são exibidos publicamente, de modo que o culpado se vê obrigado a reconhecer suas faltas, impossibilitado de negar qualquer uma delas, uma vez que todas as circunstâncias vêm à luz.

Em certa ocasião, quando os anjos examinavam a memória de um espírito, teve acesso a todos os pensamentos que ele tivera durante um mês inteiro, dia após dia. Recuperou-se seu passado na íntegra. Através desses exemplos, é fácil verificar que o homem não se desfaz de sua memória na morte, e que tampouco existe algo tão oculto no mundo que não se manifeste na outra vida. A Palavra Sagrada testemunha: "Nada há de encoberto que não venha a ser revelado e oculto que não venha a ser reconhecido porque tudo o que disseste às escuras será ouvido em plena luz do dia; e o que dissestes aos ouvidos no interior da casa será proclamado nos telhados." (Lucas XII, 2, 3)

Os anjos encarregados de levantar o véu das ações humanas examinam o espírito diretamente na face. Essa inspeção depois se prolonga por todo o corpo, começando pelas mãos e continuando por outras partes do corpo. Como eu demonstrasse espanto ante esse gênero de inspeção, foi-me esclarecida o seguinte: o pensamento e a vontade não estão apenas inscritos no cérebro, que contém os princípios de pensar e do querer, mas também por toda o corpo, pois tudo o que pertence ao pensamento e à vontade se estende, desde seus princípios, por toda o corpo, inclusive as extremidades. Assim, todas as coisas que foram inscritas na memória, segunda à vontade, estão no cérebro e também em todo o homem, e se apresentam ordenadamente, de acordo com ordens das partes do corpo. Portanto, é evidente que o homem, no seu todo, identifica-se ao que ele é na vontade

e no pensamento que procede dessa vontade. O homem malévolos é o seu próprio mal, o homem bondoso é o seu próprio bem.

Isso permite compreender a expressão "livro da vida" usada na Palavra Sagrada. Todas as ações do homem e todos os pensamentos estão inscritos no seu corpo inteiro e são como letras e palavras de um livro, quando finalmente se deixam ver durante a inspeção dos anjos. Ao incidir sobre o espírito da luz do Céu, suas ações e pensamentos podem ser apreendidos como uma imagem.

Aos exemplos anteriores sobre a função da memória após a morte poderia ainda acrescentar um fato memorável, que comprova que nada se perde, seja algo comum ou bastante particular, depois de inscrito na memória. Foram-me mostrados alguns livros que haviam sido recriados a partir da memória de seus autores; eles coincidiram, letra por letra, com os livros impressos na Terra, de modo que nenhuma palavra tora esquecida ou adulterada. Assim, da memória de um espírito tudo pode ser retirado, mesmo fatos há muito esquecidos. A razão disso é que o homem possui uma memória externa e uma memória interna. A externa é a propriedade do homem natural e a interna, propriedade do homem espiritual. Tudo o que um homem pensou, desejou, pronunciou, fez, ouviu e viu está inscrito em sua memória interna ou espiritual. E as coisas que ficaram aí registradas não se apagam jamais, porque foram escritas simultaneamente no espírito do homem e nos membros de seu corpo, como já expliquei; assim, o espírito se compõe de tudo o que o homem pensou, desejou e transformou em atos.

Sei perfeitamente que tais proposições parecem paradoxais e que, por isso mesmo, dificilmente serão consideradas dignas de fé, mas só posso acrescentar que são verdadeiras. Que o homem não acredite que guardará algum pensamento que tenha tido num lugar secreto, pois tudo está registrado em sua memória

A memória externa ou natural permanece com o homem após a morte. Entretanto, as coisas puramente naturais que ela contém não são reproduzidas na outra vida. Isso só sucede às coisas espirituais, que, por correspondência, haviam sido acrescentadas às coisas naturais. Entretanto, quando as coisas espirituais se expõem, elas aparecem numa forma idêntica à das coisas naturais que lhes correspondem; pois tudo o

que existe no Céu possui a mesma aparência das coisas terrenas, ainda que se oponham na essência.

A memória externa ou natural, no que concerne às coisas da matéria, do tempo ou do espaço, ou outras propriedades materiais, não serve ao espírito da mesma maneira que lhe serviu na Terra.

Na Terra, quando o homem pensava com o auxílio dos sentidos externos, desconsiderando os sentidos internos ou intelectuais, ele pensava de um modo natural, oposto ao modo espiritual. Mas, na outra vida, quando o espírito entra no mundo espiritual, o homem pode pensar espiritualmente, o que equivale a dizer que se servirá do intelecto e da razão e não dos sentidos externos. Por essa razão, o conteúdo da memória externa ou natural permanece em repouso; o espírito faz uso apenas daquilo que ele transformou em razão, a partir da matéria. A matéria externa está em repouso porque as coisas que ela contém não devem ser reproduzidas, uma vez que os espíritos e os anjos se comunicam apenas pelos sentimentos e pelo pensamento. As coisas que não estão de acordo com seus sentimentos ou pensamentos não podem aparecer.

Após a morte, o homem se mostra racional na medida em que já o era na Terra por meio de idiomas e ciências, mas não pelo fato de ter sido muito instruído em idiomas e ciências. Conversei com vários espíritos que, na Terra, eram considerados grandes eruditos, porque conheciam idiomas antigos como hebraico, grego e latim, mas que não haviam cultivado a razão a partir de coisas escritas nessas línguas. Alguns deles apareceram-me tão simplórios como os que não dominavam nenhum desses idiomas, e outros eram francamente estúpidos. Entretanto, orgulhosamente, todos ainda se consideravam como grandes sábios.

Conversei também com alguns espíritos que, na Terra, haviam acreditado que o homem mais sábio é aquele que mais coisas retém na memória, de maneira que esses espíritos acabaram adquirindo vastos conhecimentos. Quando falavam, reproduziam o que constava da sua memória, isto é, as opiniões de outrem; como jamais emitiam opinião própria, não tinham aperfeiçoado a razão por meio das coisas da memória. Alguns espíritos eram idiotas, outros insensatos: não sabiam

discernir uma coisa verdadeira ou não acatavam as opiniões falsas daqueles que a seus olhos passavam por sábios. Espíritos como esses por si mesmos nunca decidem se alguma coisa é isto ou aquilo e sequer possuem qualquer compreensão racional do que lhes é transmitido.

Também conversei com espíritos que, na Terra, muito haviam escrito sobre vários assuntos científicos, de maneira que desfrutavam de grande reputação. Alguns mostravam-se capazes de raciocinar sobre coisas verdadeiras e examinavam se elas o eram de fato. Outras, após voltarem para aqueles espíritos que estavam na luz da verdade, viam em que consistiam a verdade, mas não queriam compreendê-la e finalmente a negavam. Outros pareciam não saber mais do que um iletrado. Esses espíritos haviam cultivado a razão de diferentes maneiras, graças aos conhecimentos que compilaram e descobriram. Os eruditos que tinham se oposto às verdades da Igreja, mas que em conseqüência acatavam aqueles conhecimentos que pudessem confirmar a falsidade em que se encontravam, não haviam de fato cultivado a razão, mas apenas a faculdade de raciocinar.

Na Terra se confunde essa faculdade com a razão, mas é coisa distinta. Trata-se de uma faculdade que alguns homens usam para confirmar tudo o que lhes é agradável e que mostra, a partir de princípios preconcebidos e ilusórios e falsos e não verdadeiro. Tais "eruditos" não podem jamais ser leva, reconhecer a verdade, porque não se pode chegar à verdade a partir da falsidade.

A razão do homem é como um jardim, ou como uma terra recentemente cultivada. A memória é essa terra, as verdades científicas e os conhecimentos correspondem às sementes. A luz e o calor do Céu são as forças produtivas, sem elas nada germina. Sem a luz do Céu, que é a Verdade Divina, e sem o seu calor, que é o Divino Amor, não existiria a razão, pois é dessa luz e desse calor que ela sobrevive.

Os anjos deploram particularmente o fato de que grande número de eruditos atribua tudo à natureza, e termine por ser incapaz de ver a verdade segundo a luz do Céu. Na outra vida eles são privados da faculdade de raciocinar, pois teme-se que espalhem falsidade entre os espíritos bons e simples, e os seduzam. Por isso são enviados a lugares desertos.

Um espírito se mostrou indignado porque era incapaz de recordar-se de várias coisas que havia cultivado na vida terrestre, lamentando a perda de um prazer que lhe fora tão grande. Explicaram-lhe, então, que ele não perdera absolutamente nada, porque as coisas que antes sabia permaneciam com ele. Porém, no mundo em que agora se encontrava, não era permitido que tais conhecimentos fossem retirados da memória, porque lhe era suficiente à capacidade mais refinada de pensar e falar que havia adquirido. Portanto, não precisava, como anteriormente, mergulhar sua razão em espessas obscuridades, materiais e corporais, que não têm nenhuma utilidade no mundo dos espíritos. Tudo o que lhe pudesse servir para a vida eterna, ele já o possuía - não seria de outro modo que obteria a beatitude e a felicidade. Foi-lhe ainda explicado que era um erro grave supor que, no mundo dos espíritos, a inteligência estava afetada, porque as coisas materiais permanecem afastadas e em repouso na memória. Pelo contrário, quando a razão é separada das coisas sensuais que pertencem ao homem exterior ou ao corpo, mais ela se eleva em direção às coisas espirituais e celestes.

Às vezes, na outra vida, a qualidade da memória se faz visível através de formas que aparecem apenas lá; as coisas que na outra vida tornam-se visíveis, na Terra pertencem ao domínio das idéias. No outro mundo, a memória exterior adquire a aparência de um corpo caloso, e a memória interior tem a aparência de uma substância medular, tal como a que existe no cérebro; é fácil, pois, distinguir uma memória da outra.

A calosidade da memória exterior apresenta-se dura e possui estrias que lembram tendões, sobretudo nos espíritos que, na vida terrestre, desenvolveram a memória, mas não a razão. Entre os que encheram de falsidade sua memória, esta se apresenta coberta por pêlos eriçados, devido ao amontoado de coisas que ela contém. Nos espíritos que cultivaram por vaidade a memória, esta adquire uma aparência ossificada, composta de fragmentos agregados. Entre os espíritos que tentaram penetrar nos arcanos divinos através de pesquisas científicas, e sobretudo filosóficas, pois de outro modo não acreditariam na verdade, sua memória é um corpo obscuro, que absorve os raios de luz e os transforma em trevas. Entre os dissimuladores e os hipócritas, a substância da memória é tão óssea como o ébano e pode refletir a luz.

Um tal corpo caloso, entretanto, não aparece entre os espíritos que viveram no bem do amor e nas verdades da fé, porque sua memória interior transmite raios de luz na memória exterior, iluminando os objetivos e as idéias; a memória exterior é o último reduto das coisas espirituais e celestes, quando encerra o bem e a verdade.

Os homens que amam o Senhor e praticam a caridade possuem, durante a vida terrestre, a inteligência e a sabedoria angelicais que, todavia, permanecem ocultas nos limites de sua memória interior. Tal sabedoria e inteligência só se revelam após a morte, quando a memória natural entra num estado de torpor.

Explico, a seguir, em poucas palavras, como a razão pode ser cultivada. A verdadeira razão constituída de verdades e não de falsidade. As verdades são de três gêneros: verdades civis, morais e espirituais. Às verdades civis referem-se à justiça, ao governo de um país, ao justo e ao equitativo. As verdades morais referem-se à vida de cada homem, às relações que ele estabelece com a sociedade, à sua sinceridade e correção e, em particular, aos vários tipos de virtudes que possui. As verdades espirituais relacionam à vida do Céu e da Igreja, ao bem que procede do amor e à verdade que procede da fé. A vida de cada homem possui três diferentes graus. A razão abre-se ao primeiro grau através das verdades civis, ao segundo grau através das verdades morais e ao terceiro grau através das verdades espirituais. Todavia, é necessário esclarecer que a razão não se constitui a partir dessas verdades, nem se manifesta através delas ou de seu mero conhecimento, mas pela prática efetiva de tais verdades.

Viver de acordo com essas verdades é o mesmo que amá-las com um afeto espiritual; e amá-las com um afeto espiritual é amar a justiça e a retidão, a sinceridade e a correção, o bem e a verdade. Contrariamente, viver de acordo com tais verdades, mas amá-las segundo a afeição corporal, é servir-se delas tendo em vista apenas o proveito próprio, a reputação e a honra. Por isso, quanto mais o homem ama essas verdades com uma afeição corporal, menos ele se torna racional, pois verdadeiramente só ama a si próprio. As verdades lhe servem como os empregados servem ao patrão. Quando as verdades são rebaixadas a esse nível, elas não penetram no homem nem abrem grau algum de sua vida,

nem mesmo o primeiro. As verdades permanecem apenas na sua memória, misturadas com a vaidade que é um amor corporal.

Do que foi dito anteriormente, pode-se deduzir o seguinte: um homem se torna racional no terceiro grau de sua vida pelo amor espiritual que devota ao bem e à verdade, coisas que pertencem ao Céu e à Igreja; no segundo grau de sua vida, pelo amor que devota à sinceridade e à correção; no primeiro grau de sua vida, pelo amor que devota à justiça e à retidão. Esses dois últimos tipos de amor também se tornam espirituais através do amor dedicado ao bem e à verdade, pois este amor influi naqueles, e se conjuga com eles, imprimindo-lhes sua fisionomia.

Os anjos também possuem memória. Com efeito, tudo o que eles ouvem, vêem, pensam, desejam e fazem, fica com eles. Os anjos cultivam incessantemente a razão durante a eternidade, e aprimoram a inteligência e a sabedoria pelo conhecimento da verdade e do bem, tal como os homens.

Através de várias experiências, pude comprovar que os anjos e os espíritos realmente possuem memória. Vi, por exemplo, no que diz respeito aos espíritos, que tudo o que eles pensavam e faziam provinha de suas memórias, tanto em público como em particular. Vi igualmente que os espíritos que possuíam alguma verdade proveniente do bem estavam dotados de conhecimentos e, em consequência, de inteligência. Eles foram logo depois conduzidos ao Céu.

Entretanto, é necessário esclarecer que um espírito está dotado de conhecimento e, em consequência, de inteligência, até o grau de seu sentimento pelo bem e pela verdade, desenvolvido na Terra, mas nunca além desse grau. Com efeito, cada espírito ou anjo possui a mesma quantidade de sentimento que possuía na Terra, e a qualidade desse sentimento também se conservará sempre a mesma. Contudo, esse sentimento é enriquecido através de um aprofundamento contínuo, que se prolonga pela eternidade, pois nada existe que não possa ser aperfeiçoado infinitamente. Tudo pode variar infinitas vezes e enriquecer-se de diversos modos, por conseguinte multiplicar-se e frutificar. As coisas boas não possuem um estado final, porque elas

provêm do infinito. Mas já tratei desse assunto, de modo que não o desenvolverei aqui.

A VIDA APÓS A MORTE NÃO DIFERE DA VIDA NA TERRA

Todo cristão sabe, através da Palavra Sagrada, que a vida do homem é preservada após a morte. Está dito em numerosas passagens que o homem será julgado por suas ações e obras, recebendo a retribuição correspondente. O homem que pensa segundo o bem e a verdade, vê claramente que é preciso viver no bem para merecer o Céu, e que perseverar no mal é o mesmo que abraçar o Inferno. Os homens que vivem no mal não querem acreditar que seu estado após a morte depende da vida que levaram na Terra. Tais homens pensam, principalmente quando se encontram enfermos, que o Céu é dado a cada um por pura misericórdia, independentemente da maneira como tenham vivido, ou seja, de acordo com sua fé, que eles separam da experiência de vida terrena.

Está dito em numerosas passagens da Palavra Sagrada que o homem será julgado conforme suas ações e obras, recebendo a retribuição que merece: "Porque o Filho do homem há de vir na glória de seu Pai com seus anjos, e então retribuirá a cada um conforme as suas obras" (Mateus, XVI, 27). Então ouvi uma voz do Céu, dizendo: "Escreve - Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. "Sim", diz o Espírito, "para que descansem das suas fadigas, pois suas obras os acompanham". (Apocalipse, Ap., XIV, 13). "Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda a mente e corações, e vos darei a cada um, segundo as vossas obras" (Ap., II, 23). "Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a Terra e o Céu, e não se achou lugar para eles. Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos de pé diante do trono. Então se abriram livros. Ainda outro livro, o livro da vida, foi

aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros." (Ap. XX, II, 12). "E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um, segundo as suas obras," (Ap. XXII, 12).

"Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; e todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, será comparado a um homem insensato, que edificou sua casa sobre a areia" (Mateus, VII, 24, 26). "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! porventura não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não fizemos muitos milagres?'Então lhes direi explicitamente: `Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, o que praticais é iniquidade (Mateus, VII, 21, 22, 23). "Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado à porta, e vós; do lado de fora, começardes a bater, dizendo: `Senhor, abre-nos a porta. Ele vos responderá: `Não sei donde sois'. Então direis: 'Comíamos e bebíamos na tua presença, e ensinavas em nossas ruas.' Mas ele vos dirá: 'Não sei donde vós sois, apartai-vos de mim, vós todos os que praticais iniquidades.'" (Lucas, XIII, 25, 26, 27).

"Porque também eles serão escravos de muitas nações e grandes reis, assim lhes retribuirei segundo os seus feitos, e segundo as obras das suas mãos." (Jeremias, XXV, 14). "Porque os teus olhos estão abertos sobre todos os caminhos dos filhos dos homens, para dar a cada um segundo o proceder, segundo o fruto das suas obras." (Jeremias, XXX, 19). "Por isso, como é o povo, assim é o sacerdote; e castigá-lo-ei pelo seu procedimento; e lhe darei o pago de suas obras" (Oséias, IV, 9). "Segundo os nossos caminhos, e segundo as nossas obras, assim ele nos fez" (Zacarias, 6).

Nessas declarações acerca do Juízo Final, o Senhor apenas menciona as obras realizadas dizendo que entrarão na vida eterna aqueles que fizeram boas obras e, na danação, os demais (Mateus, XXV, 32-46). Ele repete essas declarações em várias outras passagens, onde trata da salvação e da condenação do homem. É evidente que as obras e

as ações são a vida externa do homem, mas trazem a marca de sua vida interna.

Entre as ações e as obras incluem-se não apenas aquilo que possui uma forma externa, mas ainda tudo o que se apresenta na forma interna. Todos sabemos, com efeito, que ação e obra procedam da vontade e do pensamento; se assim não fossem, seriam apenas um movimento como aquele que podem realizar os autômatos e as máquinas. Em conseqüência, a ação e a obra, considerada em si mesma, é apenas um efeito que procede da vontade e do pensamento, além do que estes deixam sua marca também na forma exterior. A vontade e o pensamento confundem-se assim com as ações e as obras. Quando os pensamentos e a vontade são bons, as ações e as obras também o são; quando os pensamentos e a vontade são malignos, as ações e as obras o são igualmente, embora não revelem isso em sua forma exterior. Milhares de homens podem realizar uma ação idêntica quanto à forma exterior, mas a ação de cada um, considerada em si mesma, é diferente porque procede de uma vontade diferente.

Por exemplo, com relação ao próximo, podemos agir com sinceridade e justiça, mas alguém o fará com o objetivo de exibir sua sinceridade e justiça, porque assim lhe impõe a vaidade e a honra, ou então um desejo de lucro. Um terceiro pensará na remuneração e no mérito; um quarto, na amizade; um quinto, na lei, porque teme perder a reputação ou alguma função; um sexto, um aliciar alguém por esse meio; um sétimo, em enganar; enfim, poderei relacionar as mais diferentes razões.

Ainda que todas as ações na aparência sejam boas, algumas na verdade são malévolas porque não foram realizadas por amor à sinceridade e à justiça, mas por amor à reputação e ao mundo, pois a sinceridade e a justiça, neste caso, servem à vaidade como certos empregados servem ao seu patrão, o qual, aliás, pouco os estima e os despede quando se tornam inúteis.

Dentre aqueles que não se prendem nem à vaidade nem ao amor pelo mundo, alguns agem em relação ao próximo segundo a verdade da fé e a obediência, tal como está prescrito na Palavra Sagrada; outros, segundo o bem da fé e a consciência, tal como sua religião lhes

recomenda; outros, segundo o bem da caridade, porque é necessário prover o bem ao próximo; outros, enfim, segundo o bem do amor que dedicam ao Senhor, porque é necessário fazer o bem pelo bem, e ser sincero e justo em nome da sinceridade e da justiça - estas são as coisas que emanam do Senhor e contêm o Divino que procede d'Ele e, considerados em sua essência, são também Divinas. É fácil verificar que as ações e as obras dos homens que têm fé são interiormente boas porque, como expliquei, as ações e as obras são idênticas ao pensamento e à vontade que as motivaram; sem o pensamento e a vontade, elas se transformariam em movimentos inanimados.

Se as ações boas pertencem à vontade e ao pensamento, pertencem igualmente ao amor e à fé, e em conseqüência são idênticas ao amor e à fé. O amor do homem é a mesma coisa que sua vontade, e o pensamento é a mesma coisa que sua fé. Aquilo que o homem ama ele deseja, e pensa naquilo em que ele crê.

Se o homem ama o que ele crê, então também ele deseja praticar esse amor e realizá-lo na medida do possível. É fácil constatar que o amor e a fé estão, de fato, na vontade e no pensamento, e não alhures, pois a vontade se deixa inflamar pelo amor, enquanto o pensamento vê melhor a partir da fé. Aqueles que pensam sabiamente pensam e amam a verdade, e amam a verdade porque crêem nela.

A vontade faz o homem, e também o pensamento, quanto este procede da vontade. As ações e as obras devem originar-se de ambos. Em outras palavras, é o amor que faz o homem, e também a sua fé, se esta procede do amor. O homem, portanto, é idêntico à sua vontade e ao seu amor, pois as coisas que provêm de ambos lhe pertencem. Quando a fé se separa do amor, não é mais fé, mas apenas uma ciência que está destituída de vida espiritual.

O mesmo sucede com a ação ou com a obra que é realizada sem amor nenhuma das duas possui vida; embora o amor ao mal e a fé na falsidade lhes dêem certa aparência de vida. É o que chamo de morte espiritual.

O homem está todo inteiro em suas ações e obras. Sabemos que o homem é feito de vontade e pensamento, ou de amor e fé; mas esse amor

e essa fé não estarão completos enquanto não se exteriorizarem em ações e obras. O mesmo ocorre com sua vontade e pensamento.

O homem que pensa e deseja, mas não realiza a ação correspondente quando as condições são favoráveis, equivale a uma chama que, fechada numa redoma, finalmente se extingue; ou à semente que, atirada na areia, jamais brotará. Mas o homem que pensa, deseja e a seguir realiza é semelhante a uma chama que espalha luz e calor em torno de si; ou uma semente que foi atirada em terra boa e desenvolveu-se em árvore ou flor. Aquele que deseja mas não faz, na verdade nada deseja; aquele que ama mas não realiza o bem, na verdade já não ama; aquele que apenas se contenta com o pensamento de que ama e de que deseja, dissipa e anula o próprio pensamento. O amor (ou a vontade) é a própria alma da obra, alma que ganha corpo através das ações sinceras e justas que o homem realiza.

O corpo espiritual do homem provém das coisas que o homem realiza através de seu amor ou da vontade. Em outras palavras, tudo o que pertence ao homem e a seu espírito está também nas suas ações e obras.

A exposição anterior nos permite ver que, após a morte, a vida do homem é a soma de seu amor e fé, não apenas em potência, mas também em ato, assim como a soma de suas ações e obras, pois estas encerram tudo o que pertence ao amor e à fé do homem.

O amor que predomina no homem se conserva nele após a morte, e não mudará durante a eternidade. Existe em cada homem várias espécies de amor, mas estão em harmonia com seu amor dominante e compõem uma unidade com ele. Tudo o que provém da vontade e está relacionado com o amor dominante é também denominado amor, porque é amado; alguns desses amores são interiores, outros são exteriores.

Alguns são imediatamente unidos ao amor dominante, outros algum tempo depois, outros estão mais próximos e outros mais distantes; mas todos estão a serviço desse amor, de diversas maneiras. Eles constituem um conjunto, uma espécie de reino, pois estão dispostos em ordem, ainda que o homem desconheça essas coisas. Contudo, na outra vida, algum aspecto dessa ordem se lhe manifesta, pois é o conjunto dos amores que determina o alcance de seu pensamento e sentimento, ou sua

entrada na sociedade angelical, se o amor dominante compõe-se de amores celestes, ou na sociedade infernal, se o amor dominante compõe-se de amores infernais.

As afirmações que fiz até aqui dirigem-se ao homem racional. Portanto, será preciso ilustrá-las com exemplos retirados da experiência, a fim de que também possam ser apreendidas pelos sentidos. A matéria será dividida em cinco partes:

Primeira Parte: após a morte, o homem é idêntico ao amor ou à sua vontade.

Segunda Parte: o homem se conserva eternamente o que é, quanto ao amor que o domina e quanto à sua vontade.

Terceira Parte: o homem cujo amor é celeste e espiritual elevar ao Céu; mas aquele cujo amor é corporal e mundano e está destituído do amor celeste e espiritual, rebaixar-se-á ao Inferno.

Quarta Parte: quando a fé não provém do amor celeste, a fé não permanece com o homem.

Quinta Parte: o amor realizado, eis o que fica da vida de um homem.

PRIMEIRA PARTE

Após a morte o homem é o seu amor ou sua vontade; isso me foi provado por numerosas experiências. O Céu está constituído de sociedades, conforme as diferenças do bem do amor. Cada espírito que é elevado ao Céu e se torna anjo é colocado na sociedade onde está o seu amor. Quando ele é recebido ali, sente-se como se estivessem em casa ou no lugar onde nasceu. Esse anjo tudo compreende e depois busca aqueles com quem possui afinidades, pois não se associa a outros. Quando ele se afasta ou dirige-se a outro lugar, algo dentro dele resiste: é o desejo de retornar para junto de seus semelhantes, ou para junto do amor dominante. É dessa maneira que se constituem as sociedades celestes; existem sociedades semelhantes no Inferno, que se constituem a partir de amores opostos aos amores celestes.

Afirmei anteriormente que o homem, após a morte, é o seu amor. Podemos comprovar isso pelo fato de que lhe retiram tudo o que não compõe uma unidade com seu amor dominante, se ele é bom, porque essas coisas estão em desacordo com o que ele é. Dessa maneira o homem é introduzido no seu amor. Sucede o mesmo com o homem malévolo, com a diferença de que não lhe retiram as coisas falsas, mas as verdadeiras; até que ele se assemelha lhe ao amor que o domina. Isso acontece quando o espírito do homem entra no terceiro estado, do qual falarei mais adiante.

Os espíritos permanecem com a face constantemente voltada na direção do seu amor, que está sempre diante dos olhos, não importando para que lado se voltem. Eles podem ser conduzidos a todos os lugares que desejam visitar, contanto que se conservem no amor dominante, ao qual, aliás, não podem resistir. Embora saibam disso, eles pensam que resistirão, se quiserem. Em várias ocasiões foram incitados a fazer alguma coisa que contrariasse esse amor, mas não conseguiram. Seu amor é como um liame que os enlaça, e por meio do qual podem ser conduzidos, sem conseguirem desembaraçar-se nunca. Sucede o mesmo na Terra: ele também é conduzido pelo amor, ao mesmo tempo em que é conduzido por outros por meio desse amor. Isso é ainda mais evidente quando ele se torna espírito porque então não lhe é permitido manifestar ou fingir um amor que não lhe seja próprio.

Quando dois espíritos estão reunidos, se um deles age ou fala em harmonia com o amor do outro, o rosto do interlocutor exibe franqueza, alegria e animação; mas se fala ou age contra esse amor, então o outro espírito começa a mudar: face se obscurece, até desaparecer junto com o resto do corpo, como se ninguém estivesse presente. Sempre me surpreendi com isso, porque tal coisa nunca acontece na Terra. No entanto, na outra vida, como me foi explicado, é fato corriqueiro; quando um homem mostra aversão por alguém, seu espírito imediatamente deixa de estar presente, desaparecendo aos olhos da outro.

Pude comprovar claramente que o espírito do homem é seu amor dominante a partir do fato de que cada espírito se apropria de tudo o que convém ao seu amor, e rejeita ou afasta o que é inconveniente. O amor

de cada espírito é semelhante à madeira esponjosa e porosa que absorve os líquidos que lhe são necessários e rejeita os outros; ou ainda como os animais que buscam com avidez os alimentos que convêm à sua natureza e se desviam daqueles que não convêm.

De fato, cada amor quer nutrir-se apenas daquilo que lhe é conveniente; assim, o amor malévolos deseja a mentira; o amor bondoso, a verdade unicamente. Vi algumas vezes os bons espíritos instruírem os maus espíritos na verdade e no bem, mas estes logo fugiam para longe, e quando voltavam a seus companheiros retomavam com bastante prazer as falsidades que convinham ao seu amor. Vi também os bons espíritos conversarem entre si a respeito da verdade, e todos aqueles que os rodeavam escutavam com interesse, exceto os maus espíritos, que, embora presentes, pareciam nada ouvir.

No mundo dos espíritos, vêm-se vários caminhos, sendo que alguns conduzem ao Céu e outros ao Inferno. Cada caminho também conduz a determinada sociedade. Os bons espíritos avançam apenas pelos caminhos do Céu, que levam à sociedade que encerra o bem do amor, mas não percebem os caminhos que conduzem a qualquer outra direção. Ao contrário, os maus espíritos avançam exclusivamente pelos caminhos do Inferno, em busca da sociedade que encerra o mal do seu amor; tampouco vêm os caminhos que levam a outro lugar, mas se acaso os percebem, não querem desviar daquele em que estão. Tais caminhos espirituais são aparências que correspondem à verdade ou à falsidade; e, por essa razão, na Palavra Sagrada, eles significam verdade e falsidade. Esses ensinamentos, retirados da experiência, confirmam que o homem, após a morte, é seu amor e sua vontade; a vontade é o amor de cada um.

SEGUNDA PARTE

Após a morte, durante a eternidade, o homem se mantém exatamente idêntico à sua vontade e a seu amor dominante - isso me foi mostrado através de numerosas experiências. Conversei com espíritos

que haviam vivido na Terra cerca de dois mil anos atrás e cujas vidas eram conhecidas e estavam descritas nos livros históricos. Esses espíritos permaneciam idênticos a si mesmos, e o retrato que deles possuíamos continuava válido, porque correspondia ao seu amor que os dominava. Também conversei com espíritos que haviam vivido dezessete séculos atrás, ou quatro séculos atrás, ou três séculos atrás, e todos eram figuras históricas conhecidas. Conservavam os sentimentos que os dominara outrora, sem qualquer diferença exceto que o prazer do seu amor tinha se transformado.

Os anjos ensinaram-me que, durante a eternidade, o amor dominante de um homem jamais se altera, porque cada um é o seu próprio amor. Se o amor de um espírito se alterasse, ele seria privado de vida, extinguir-se-ia; pois o homem, após a morte, não pode mais, como acontecia durante sua estada na Terra, ser reconstituído pela instrução de seus conhecimentos e sentimentos naturais estão em repouso e servem de apoio, tal como o fundamento de uma casa, ao conteúdo da sua mente ou do seu espírito.

Portanto, durante a eternidade, o homem se conserva idêntico ao que ele era na Terra. Os anjos mostraram-se surpresos com a notícia de que os homens ignoram que cada ser é idêntico ao seu amor dominante; e mais surpresos ficaram com a notícia de que havia uma crença generalizada na salvação pela misericórdia e pela fé, independente do tipo de vida do homem. Os anjos confirmaram que a Divina Misericórdia é uma misericórdia mediata, conduzindo apenas o homem bom durante esta vida e durante a eternidade. Por eles explicaram que uma fé é um sentimento devotado à verdade, sentimento esse que procede do amor celeste que emana do Senhor.

TERCEIRA PARTE

O homem que possui um amor celeste e espiritual é conduzido ao Céu, enquanto aquele cujo amor é corporal e mundano, nada possui do amor celeste e espiritual, exila-se no Inferno. Tenho a prova disso

porque assisti à ascensão de numerosos espíritos ao Céu, e a descida ao Inferno de vários outros.

A vida dos que se elevavam procedia de um amor celeste e espiritual, mas a daqueles que desciam provinha de um amor corporal e mundano.

O amor celeste consiste em amar o bem, a sinceridade e a justiça e em realizá-los. Quem possui essas três coisas tem a vida celeste. Aquele que ama essas três coisas por elas mesmas, e as pratica, ama o Senhor acima de tudo, pois elas procedem d'Ele. Ama também o próximo porque elas são o próximo que se deve amar. (O Senhor, num sentido espiritual, é o próximo, pois o Senhor deve ser amado acima de todas as coisas; mas amar o Senhor é amar o que procede d'Ele, porque Ele é Ele mesmo em tudo o que procede d'Ele.)

Ao contrário, aquele que ama o bem, a sinceridade e a justiça por interesse, pensando na reputação, na honra e no proveito que disso tirará, possui apenas um amor corporal, pois não considera nem ao Senhor nem ao próximo, mas unicamente a si mesmo. O seu prazer reside em fazer trapaça. Ora, quando o bem, a sinceridade e a justiça provêm da trapaça, equivalem ao mal, à mentira e à injustiça, que são o objeto do amor do espírito.

O amor determina a vida de cada homem: quando este entra no mundo dos espíritos, é examinado e depois conduzido a uma sociedade constituída por espíritos que possuem um amor igual ao seu. Os que possuem um amor celeste associam-se aos anjos do Céu, os demais, em razão do seu amor corporal, buscam os espíritos do Inferno.

Ademais, depois que o primeiro e o segundo estados se concluem, os espíritos se separam e, a partir daí, não mais se vêem ou se reconhecem. Cada espírito é idêntico ao seu amor dominante, tanto no interior como no exterior. Os que possuem um amor corporal adquirem uma aparência pesada, sombria, negra disforme; mas os que possuem o amor celeste aparecem ágeis, luminosos, belos e de uma brancura cintilante. Eles também diferem pelo caráter e pelo pensamento: os que estão no amor celeste são inteligentes e sábios, mas os que estão no amor corporal são estúpidos e quase insensíveis.

Quando se permite o exame cio interior e do exterior do pensamento e do sentimento dos espíritos, o interior daqueles que estão no amor celeste aparece como luz, enquanto seu exterior assume cores variadas, como o arco-íris. O interior daqueles que estão no amor corporal aparece negro, às vezes com uma obscura ardência, como entre os que interiormente são trapaceiros, malignos, enquanto seu exterior assume uma cor fosca e um aspecto triste. O interior e o exterior da mente e do espírito manifestam-se à visão, no mundo espiritual, quando isso é do agrado do Senhor, e em nenhuma outra ocasião.

Aqueles que estão num amor corporal nada vêem na luz do Céu, que para eles é apenas trevas. Nessa luz, sua visão interior cobre-se de escuridão, ao ponto de tornar-se insensatos. É por isso que eles fogem e escondem-se em antros e cavernas cuja profundidade trazem em si. Mas a luz do Inferno, que equivale à luminosidade de um braseiro, parece-lhes uma luz muito clara. Ao contrário, para aqueles que num amor celeste, a luz do Céu confere a todas as coisas beleza e nitidez, ao mesmo tempo em que dota os espíritos de uma percepção mais acurada, pois então apreendem a verdade com mais inteligência e mais sabedoria.

Os espíritos que estão imersos num amor corporal não podem viver sob o calor cio Céu, que é o amor celeste, mas sentem-se bem no calor do Inferno, que é um amor intolerante, que trata com rigor a quem não lhe é favorável. O desprezo pelos outros, as inimizades, os ódios, as vinganças, tais são prazeres desse amor infernal. Quando usufruem (lesses prazeres, os espíritos perversos esquecem o que é fazer o bem ao próximo em nome do próprio bem, pois ao praticarem o bem o fazem tendo em vista exclusivamente o mal. Esses espíritos não conseguem respirar no Céu -quando um espírito perverso é ali introduzido, sua respiração é semelhante à de alguém na agonia. Ao contrário, os espíritos que estão imersos num amor celeste, respiram livremente no Céu, e com mais plenitude à medida que mais o adentram.

A partir do que foi referido acima, pode-se ver que o amor celeste e espiritual é o Céu no interior do homem, porque tudo o que pertence ao Céu está também escrito nesse amor. Pelo contrário, o amor corporal c mundano, sem o amor celeste e espiritual, é o Inferno no interior do homem, porque tudo o que pertence ao Inferno esta também inscrito

nesse amor. É evidente, portanto, que o homem cujo amor é celeste e espiritual realmente ascende ao Céu, e que aquele apenas dotado de amor corporal e mundano condena-se ao Inferno

QUARTA PARTE

A fé não permanece com o homem, se ela não provém de um amor celeste. Constatei isso através de numerosas experiências e, se fosse o caso relatá-las, encheria vários livros descrevendo tudo o que vi e ouvi sobre esse assunto.

Posso atestar que quem está num amor corporal e mundano não possui fé alguma, em virtude da ausência de qualquer amor celeste ou espiritual em seu interior- possui, isto sim. uma ciência ou dom de persuasão que os convence de que isto e não aquilo é verdadeiro, quando se trata de algo que convém ao seu amor. Vários espíritos que imaginavam ter fé foram conduzidos de alguns bons espíritos e, quando a comunicação se estabeleceu entre eles, perceberam que estavam destituídos de fé. Compreendem mais tarde que não basta acreditar na verdade e na Palavra Sagrada, pois a fé consiste em amar a verdade com um amor celeste, bem como em desejá-la e praticá-la segundo um sentimento interior. Foi-lhes também mostrado que a persuasão, que denominado fé, era coma uma luz infernal que, não contendo calor algum, faz com que sobre a Terra tudo enlanguesça ao acumular-se gerida e neve. Quando a fria luz da persuasão deixa-se penetrar pelos raios da luz celeste, ela se extingue, sendo substituída por um nevoeiro espesso, através do qual nada se vê. Ao mesmo tempo, o interior do espírito enche-se de trevas, e ele nada mais compreende e torna-se por fim insano.

A verdade que esses espíritos apreenderam da Palavra Sagrada e das doutrinas da Igreja, confundindo-a com a verdadeira fé, lhes é finalmente retirada, sendo substituída pela falsidade que concorda com o mal que trazem em si. Esses espíritos, logo depois, são devolvidos do seu amor dominante e à falsidade que concorda com esse amor. Como a

verdade celeste se opõe a essa falsidade, os espíritos derretem-lhe ódio e aversão, rejeitando-a por fim.

A partir de minha própria experiência com as coisas do Céu e do Inferno, posso assegurar que os espíritos que professaram a fé somente segundo a doutrina e praticaram o mal na Terra, são enviados ao Inferno, após serem julgados. Vi milhares deles descerem para Ira. É o assunto do meu opúsculo O Juízo Final e a Babilônia Destruída.

QUINTA PARTE

Para concluir, devo dizer homem é a sua própria vida.

E necessário esclarecer que as obras e as ações pertencem à vida moral e social, de maneira que implicam tudo o que é sincero e correto, tudo o que é Justo e eqüitativo: o que é sincero e correto pertence à vida moral, e o que é justo e eqüitativo, à vida social. O amor que anima um homem pode ser celeste ou infernal. As obras e as ações da vida moral e social serão celestes quando forem realizadas segundo um amor celeste, pois neste caso serão feitas segundo o Senhor e absorverão o bem que d'Ele emana. Mas as ações e as obras da vida moral e social tornarão infernais, se forem realizadas por vaidade em proveito próprio porque neste caso serão feitas segundo o homem e absorverão o mal que dele emana. O homem, considerado em si mesmo, é apenas o mal.

OS PRAZERES ESPIRITUAIS NA VIDA APÓS A MORTE

No Capítulo anterior, mostrei que o sentimento ou o amor dominante permanece com o homem por toda a eternidade. Mostrei, em seguida, que os prazeres naturais associados ao sentimento ou amor são

transformados em prazeres espirituais, na outra vida. É evidente que é assim, pois, ao entrar no mundo dos espíritos, o homem abandona o corpo material e deixa-se revestir por um corpo espiritual. Como já falei, tanto os anjos como os espíritos possuem uma forma humana.

Os prazeres do homem pertencem ao amor dominante, pois o homem só sente prazerem relação ao que ama, e principalmente em relação ao que ama acima de todas as coisas. Esses prazeres são variados; correspondem a vários tipos de amor dominante que podemos encontrar nos homens, nos espíritos e nos anjos. Um amor dominante nunca é semelhante a outro. Por isso, a face de um anjo ou de um espírito nunca é igual a nenhuma outra, pois cada face é uma imagem exclusiva do espírito do homem, ou seja, do amor dominante.

Os prazeres de cada espírito são de uma variedade infinita e em ninguém ocorre de um prazer ser igual a qualquer outro. Os prazeres se sucedem um ao outro ou existem simultaneamente, porém nunca se confundem entre si. Entretanto, em cada homem, esses prazeres dizem respeito a um só amor, e compõem uma unidade com ele. Da mesma forma, todos os prazeres, de todos os homens, relacionam-se a um só amor que reina universalmente; no Céu, é o amor devotado ao Senhor, e no Inferno, o amor devotado a si mesmo.

Somente a ciência das correspondências pode nos ensinar o que são os prazeres espirituais e revelar algo de sua qualidade. O que ela ensina, grosso modo, é que o mundo material está em correspondência com o mundo espiritual. Em particular, também ensina qual é a qualidade do elemento natural que está em correspondência com seu análogo espiritual. O homem que possui essa ciência pode antecipadamente prever qual será seu estado após a morte, desde que conheça o amor dominante e saiba a que amor universalmente reinante ele se relaciona. Nem todos, porém, conhecem seu amor reinante; há o caso daqueles que estão mergulhados no amor a si mesmo: amam o que possuem, vêem a maldade como bem e a falsidade como verdade. Entretanto, se quisessem, poderiam conhecer esse amor reinante por intermédio daqueles homens que são sábios e que podem ver o que eles ignoram. Mas aqueles que estão possuídos pelo amor a si mesmo geralmente rejeitam com desprezo o ensinamento dos sábios. Ao contrário, os

espíritos que estão num amor celeste recebem de bom grado essa instrução e podem ver o mal no qual todo homem nasce, pois a verdade sempre põe à mostra o mal ao ser aceita pelo homem.

Um homem pode ver o mal e a falsidade do mal através da verdade que provém do bem, porém ninguém jamais verá o bem ou a verdade através do mal, porque a falsidade do mal são trevas, segundo a lei das correspondências. Os espíritos que estão na falsidade, segundo o mal, são como cegos que não vêem os objetos iluminados que têm diante de si; e são também como as corujas que fogem deles.

A verdade que provém do bem é uma luz, segundo a lei das correspondências. Aqueles que possuem a verdade, segundo o bem, vêem claramente e mantêm os olhos sempre abertos, de maneira que discernem o que pertence à luz e o que pertence à sombra. Uma experiência deu-me a confirmação definitiva disso: os anjos não só vêem e percebem a maldade e a falsidade, quanto estas se introduzem entre eles no Céu, mas também vêem e percebem a maldade e a falsidade no mundo dos espíritos, entre aqueles que se uniram a alguma sociedade infernal. Todavia, os maus espíritos, eles mesmos, são incapazes de ver o mal e a falsidade que carregam consigo. Não querem compreender, ou preferem considerar que não existe, nem o bem do amor celeste, nem a consciência, nem a sinceridade e a justiça (a menos que estas coisas se revertam para eles em algum proveito próprio, nem o que seja deixar-se conduzir pelo Senhor).

Digo tais coisas a fim de que o homem se examine e conheça o amor através de seus prazeres e, a seguir, também o estado de sua vida após a morte, usando da ciência das correspondências.

Através da ciência das correspondências podemos ver como os prazeres naturais são, na outra vida, transformados em prazeres espirituais. Mas como essa ciência foi até agora pouco divulgada, irei lançar alguma luz sobre esse assunto através de exemplos retirados da minha experiência.

Todos aqueles que estão no mal e optaram pela falsidade contra as verdades da Igreja, em particular os que rejeitaram a Palavra Sagrada, fogem da luz do Céu. Eles se ocultam em cavernas escuras e em buracos nas rochas, porque amaram a falsidade e odiaram a verdade. Tais

cavernas e os buracos negros correspondem à falsidade, assim como a luz corresponde à verdade. Os maus espíritos sentem prazer em habitar esses lugares, mas sentem-se desconfortáveis num campo aberto à luz do sol. Os que na Terra sentiram prazer em conceber armadilhas e em fazer trapanças em segredo, buscam, na outra vida, esses abrigos. Quando entram numa caverna, a escuridão não lhes permite ver uns aos outros; tampouco conversar entre si, apenas sussurram baixo pelos cantos.

Os espíritos que estudaram as ciências com o intuito de passar por sábios, mas sem o cultivo da razão, ou que sentiram prazer nas coisas da memória, por mera vaidade, esses amam, na outra vida, os lugares arenosos e os preferem aos campos férteis e jardins, porque o deserto corresponde aos estudos. Os espíritos que seguiram as doutrinas de sua igreja e de outras, porém sem nunca praticá-las, preferem, na outra vida, os lugares pedregosos e abrigam-se entre montes de pedregulhos; eles fogem dos lugares cultivados porque lhes têm aversão.

Os espíritos que tudo atribuíram à natureza, ou que tudo atribuíram à sua própria prudência e que, por meio de estratégias, conseguiram honra e riqueza, na outra vida praticam com grande prazer artes mágicas, que são um abuso da ordem Divina. Os espíritos que corromperam e falsificaram a verdade Divina, pensando exclusivamente no próprio amor, amam os lugares úmidos de urina, porque esses lugares correspondem aos prazeres de um tal amor. Os espíritos que foram sordidamente avaros moram em cavernas e amam as imundícies dos porcos e também os vapores nidorosos, como aqueles que provêm de má digestão.

Os espíritos que viveram na volúpia e na preguiça e se abandonaram à gula, vendo nessas coisas o supremo bem da vida, amam os excrementos e as latrinas, que para eles são verdadeiras delícias. Fogem dos lugares limpos que para eles são desprovidos de encanto. Os espíritos que sentiram prazer no adultério vivem, na outra vida, em lugares de prostituição onde tudo é sujo e desagradável. Eles amam esses lugares e fogem das casas honestas, tomados de desconfiança.

Os espíritos que são da vingança e que adquiriram por causa disso uma natureza feroz e cruel, amam, na outra vida, os cadáveres de todo tipo; no inferno, habitam lugares repletos de carnes putrefatas.

Mas os prazeres daqueles espíritos que, na Terra, viveram no amor celeste, transformam-se em prazeres correspondentes na outra vida, tal como existem no Céu, onde nascem do Sol celeste e da luz. Essa luz torna visíveis os objetos que interiormente encerram as Coisas Divinas. Esses objetos afetam tanto o interior como o exterior dos anjos, isto é, a mente e o corpo. Assim como a Divina Luz - que procede do Senhor ilumina suas mentes, na medida em que estão abertas pelo amor celeste, ela também lhes apresenta os objetos externos correspondentes aos prazeres de seu amor. Esses objetos correspondem ao interior dos anjos ou às coisas que pertencem à sua fé e amor e, por conseguinte, à sua inteligência e sabedoria.

Como ilustração, apresentarei a seguir alguns exemplos de prazeres naturais que se transformaram em prazeres celestes, na outra vida.

Os espíritos que amaram a Divina Verdade e a Palavra Sagrada, segundo um sentimento interior, habitam na outra vida em lugares altos e iluminados, que são como montanhas, e permanecem todo o tempo sob a do Céu. Eles desconhecem as trevas noturnas e respiram um ar que é sempre primaveril. A perder de vista, estendem-se campos, colheitas e vinhas. Em suas casas tudo brilha com o esplendor das pedras preciosas e as janelas são de puro cristal. Tais são os prazeres da sua visão, prazeres esses que estão em correspondência com as Coisas Divinas - assim, a verdade que os anjos retiram da Palavra Sagrada, e que muito amaram, corresponde às colheitas, às vinhas, às pedras preciosas, às janelas e aos cristais.

Os espíritos que viveram segundo as doutrinas da Igreja, arroladas na Palavra Sagrada, residem no Céu mais interior ou íntimo, e maior é sua sabedoria. Em todos os objetos vêem a manifestação do Divino, cuja luz, ao incidir em suas mentes, enche-os de beatitude que influi em todos os sentimentos. Aos seus olhos, todas as coisas parecem sorrir, dançar, viver.

Quanto aos espíritos que amaram as ciências e cultivaram a razão, adquirindo assim inteligência e capacidade de reconhecer o Divino, os prazeres são transformados, na outra vida, em prazeres espirituais que dizem respeito ao conhecimento do bem e da verdade. Eles habitam jardins onde se vêem canteiros de flores e de verdura agradavelmente

arranjados, que estão circundados por árvores que se sucedem formando arcos e aléias; as árvores e as flores variam a cada dia. O aspecto de todas essas coisas provoca-lhes um prazer que é renovado incessantemente pela variedade infinita de detalhes. Como isso tudo corresponde a coisas divinas, os espíritos, que não ignoram a ciência das correspondências, adquirem constantemente novos conhecimentos que aperfeiçoam seu espírito racional. É imenso seu prazer, pois os jardins, canteiros de flores e de verduras e as árvores correspondem às ciências, aos conhecimentos e, por conseguinte, à inteligência.

Os espíritos que tudo atribuíram ao Divino, que consideraram a natureza como relativamente morta e, em conseqüência, se dedicaram exclusivamente às coisas espirituais, estão na luz celeste. Sob essa luz, todos os objetos se tornam transparentes. Através dessa transparência a visão interna dos espíritos apreende imediatamente inumeráveis variações de luz, o que lhes proporciona muito prazer interior. Os objetos que esses espíritos possuem em casa brilham como diamante.

As paredes de suas residências são como de cristal, em conseqüência, translúcidas ou quase fluídicas, e perpetuamente variáveis, como sucede às outras coisas celestes.

Essa transparência dos objetos, que corresponde à compreensão celeste, surge quando se extinguem no espírito as sombras que acompanham a fé e o amor pelas coisas naturais. Esses objetos e muitos outros foram descritos por espíritos que estiveram no Céu. Asseguraram-me esses espíritos que ali se vêem coisas que olho algum viu, como se ouvem coisas que ouvido algum jamais ouviu, segundo a percepção celeste.

Os espíritos que não agiram hipocritamente, mas que fizeram questão de que seus pensamentos viessem a público, tanto quanto a vida social o permitia, no Céu, esses possuem face reluzente, cintilante, pois foram sinceros e justos. Todos os seus sentimentos e pensamentos estão estampados no rosto, constantemente iluminado pela luz celeste. Sua linguagem e seus atos são como efígies de sentimentos; por isso são mais amados que os outros. Sua face se obscurece um pouco quando começam a falar, mas depois as coisas que pronunciaram reaparecem numa unidade e resplandecem em suas faces. Em volta deles, todos os

objetos adquirem uma aparência tal que os demais espíritos podem perceber claramente o que tais objetos representam e significam.

Os espíritos que cultivaram a ação clandestina e dissimulada, ao perceberem de longe esses espíritos iluminados, fogem imediatamente, rastejando como serpentes.

Os espíritos que condenaram o adultério como abominação e viveram no casto amor do matrimônio, estão na ordem e na forma do Céu, mais do que os outros, e, em conseqüência, adquirem grande beleza e eterna juventude. Os prazeres do seu amor são inefáveis e aumentam incessantemente. Nesse amor, influem todos os prazeres e todas as alegrias do Céu, porque é um amor que descende da conjunção do Senhor com o Céu e com a Igreja, bem como da conjunção do bem e da verdade, conjunção esta que constitui o próprio Céu e o interior de cada anjo. Seus prazeres externos são tais, que não podem ser descritos pelas palavras humanas.

O que revelei é apenas um pálido retrato das correspondências dos prazeres entre os espíritos que estão vivendo no amor celeste.

Apos a morte, os prazeres se transformam em prazeres correspondentes, porém, o amor se conserva o mesmo eternamente. O amor conjugal, o amor à justiça, o amor à sinceridade, ao bem e à verdade. o amor às ciências e aos conhecimentos, o amor à inteligência e à sabedoria, enfim, todos os amores se conservam o que são, durante a eternidade. Os prazeres que emanam desses amores também se conservam o que são, mas elevados a um grau superior, pois se espiritualizam.

O PRIMEIRO ESTADO DO HOMEM APÓS A MORTE

Após a morte, o homem passa por três estados antes de ser conduzido ao Céu ou ao Inferno. O primeiro estado é exterior, o segundo é interior e o terceiro, preparatório. O homem experimenta esses três

estados no mundo dos espíritos. Todavia, alguns não são submetidos aos três estados, mas imediatamente elevados ao Céu ou rebaixados ao Inferno. Os espíritos que se regeneraram e, em consequência, se preparam para o Céu durante sua estada na Terra, são imediatamente elevados ao Céu, pois, uma vez que estão regenerados e preparados, não precisam limpar-se de nodos naturais e ascendem após a morte até os anjos do Céu. Eu mesmo presenciei a ascensão de um espírito dessa espécie, uma hora após sua morte.

Ao contrário, os espíritos que são malévolos interiormente, apesar de não aparentarem isso exteriormente, e que comprovadamente tenham se dedicado às trapaças e ao logro, fingindo-se de caridosos para tirar proveito do próximo, esses são imediatamente atirados ao Inferno, após a morte. Presenciei a queda de alguns deles em direção ao Inferno; um, que era excessivamente trapaceiro, passou diante de mim com a cabeça para baixo e os pés voltados para cima, enquanto os demais caíam de diferentes maneiras.

Alguns espíritos, logo após a morte, são retirados do convívio dos demais e confinados em cavernas, reaparecendo de tempos em tempos. São espíritos que, sob pretexto cívico, agiram maldosamente em relação ao próximo. Mas eles não são numerosos, se considerarmos o conjunto dos espíritos que permanecem no mundo dos espíritos, para serem o Inferno, segundo a ordem

Logo após a morte, o estado: o exterior.

Em cada homem, o espírito possui um interior e um exterior. Durante a vida na Terra, é esse exterior que predispõe o corpo do homem para a comunicação com os demais seres, através da face dos gestos e da linguagem. O interior do espírito contém a vontade e o pensamento, os quais raramente podem ser manifestados pela face, pelos gestos e pela linguagem. Na infância, o homem desenvolve o hábito de testemunhar amizade, cordialidade e sinceridade, mas esconde seus pensamentos e a própria vontade. Desse modo, independentemente do que seja seu interior, todo homem possui, por hábito, uma conduta moral e social aceitável, que é apenas externa.

O primeiro estado do homem após a morte é semelhante a seu estado na Terra, pois exteriormente se conserva a mesma pessoa. A face,

a linguagem e seu caráter não sofrem alterações, assim como sua vida moral e social.

Por isso ele ainda acredita estar na Terra, até que os anjos lhe expliquem que foi ressuscitado e que a sua condição atual é de espírito. Desse modo, uma vida se prolonga na outra e a morte é semelhante uma passagem.

O espírito do homem, após abandonar a vida terrestre, é prontamente identificado pelos amigos e conhecidos; estes o reconhecem pela face, linguagem ou por acontecimentos de sua vida. Na outra vida, quando um espírito pensa em alguém, vê preparados, seja para o Céu ou para divina diante de si a face do outro e mesmo os acontecimentos de sua vida; em alguns casos o espírito se apresenta como se ele tivesse sido chamado e atraído para ali. Isso acontece porque, no mundo espiritual, os pensamentos podem ser comunicados e o espaço não obedece às leis do mundo natural.

Qualquer espírito, como eu dizia, ao entrar na outra vida, é imediatamente identificado pelos amigos, parentes e conhecidos. Nesses reencontros, conversam animadamente e reafirmam os antigos laços de amizade. Várias vezes presenciei a chegada de novos espíritos; eles próprios e os amigos mostravam-se eufóricos com o reencontro.

É comum, por exemplo, o reencontro entre marido e mulher e estes se acolhem mutuamente; permanecem juntos algum tempo, que pode ser longo, se foi prezerosa a união terrena. Contudo, se não estavam unidos por um amor verdadeiramente conjugal - amor que é a conjunção de duas mentes segundo o amor celeste - eles se separam algum tempo depois. Quando os cônjuges possuem mentes opostas e sentem interiormente aversão um pelo outro, revelam explicitamente essa inimizade e não raras vezes se batem. São separados, todavia, antes de entrarem no segundo estado.

Afirmei, em outro capítulo, que a vida dos espíritos recém chegados não é diferente da que levavam na Terra; esses espíritos não estão informados sobre seu estado após a morte nem sobre o Céu e Inferno, exceto através das poucas coisas que apreenderam lendo literalmente partes da Palavra Sagrada ou ouvindo as pregações inspiradas nessas passagens. Mostram-se surpresos de possuir corpo, de usufruir de todos

os sentidos e de ver um mundo mais parecido com aquele que conheceram na vida anterior; a seguir, ficam curiosos para saber como é o Céu e o Inferno, ou onde um e outro estão localizados. Os amigos então lhe explicam sobre o estado da vida eterna, ao mesmo tempo em que os conduzem a novos lugares e os introduzem em diferentes grupos de espíritos.

Alguns visitam cidades, outros jardins ou paraísos, freqüentemente admiram objetos magníficos. porque tais objetos agradam ao exterior de seu corpo espiritual Quando refletem sobre a vida do corpo, no estado espiritual, mostram-se indignados pelo fato de que até então ignorassem tais coisas, e mais ainda de ver que a Igreja delas não está melhor informada do que eles mesmos.

Os espíritos recém-chegados estão sequiosos para saber se irão ao Céu, pois a maioria deles crê nessa possibilidade, uma vez que, na Terra, como alegam, levaram uma vida moral e social de acordo com os padrões aceitos pela Igreja. Não compreendem que, exteriormente, a vida do espírito malévolo e a do espírito bom são idênticas, no que diz respeito aos compromissos morais e sociais - ambos freqüentaram templos, ouviram sermões, oraram e fizeram o bem ao próximo. Os recém-chegados desconhecem que os atos externos executados no decorrer do culto nada valem, pois somente importa o interior do homem que os realiza. Apenas um entre mil espíritos sabe em que consiste o interior do homem e que nele residem o Céu e a Igreja. Esses espíritos também ignoram que os atos externos correspondem a intenções e pensamentos, e que essas intenções e pensamentos provêm do amor e da fé.

Quando os recém-chegados são instituídos sobre tais coisas, não compreendem imediatamente o alcance do desejo e do pensamento, pois, para eles, tudo se reduz a falar e agir. Assim se comporta a maioria dos cristãos ao entrar na outra vida.

No primeiro estado, tanto os maus como os bons pronunciam verdades e praticam o bem; por isso, os recém-chegados são atentamente examinados pelos bons espíritos, por diversos meios, para serem identificados. Isso é necessário porque todos viveram, exteriormente, segundo a mesma moralidade, submetendo-se a autoridades e leis.

Através dessa vida moral, adquiriram reputação de pessoas justas e sinceras, cativaram os homens e conseguiram finalmente honra e riqueza. O que distingue o mau espírito do bom espírito é a avidez com que se dedica às coisas externas, em detrimento das internas. Ele se ocupa muito pouco da verdade e do bem da Igreja e do Céu; (piando escuta os sermões, o faz desatento e sem alegria. Esses espíritos também podem ser reconhecidos porque costumam se voltar para certas regiões, ou tomar os caminhos que conduzem a elas, quando são deixados livres. O amor de um espírito determina a região para qual ele se volta, e os caminhos que escolhem para trilhar.

Após a morte, os espíritos descobrem que já estavam, segundo a vida que levavam na Terra, ligados a alguma sociedade celeste ou infernal, mas somente quando a seu interior. Ora, esse interior não se manifesta a ninguém quando o espírito se apresenta segundo o exterior, o qual encobre e esconde o interior, principalmente naqueles que vivem no mal interior. Logo depois, contudo, esse interior se manifesta, porque o espírito está entrando no segundo estado -é então que seu interior finalmente se abre.

Após a morte, o primeiro estado do homem dura alguns dias, às vezes meses, porém raramente excede o prazo de um ano; tudo depende da concordância (ou discordância) do interior com o exterior, em cada espírito recém-chegado. No mundo espiritual, o exterior deve corresponder com o interior, obrigatoriamente, e constituir com ele uma unidade. Nenhum espírito pode pensar e querer de uma maneira, e falar e agir de outra. Cada espírito deve ser a efígie de seu sentimento e de seu amor dominantes, realizando a união de seu exterior com seu interior. Se o exterior se revela em primeiro lugar, é porque servirá de base para a manifestação do interior, segundo a lei das correspondências.

O SEGUNDO ESTADO DO HOMEM APÓS A MORTE

O segundo estado do homem após a morte é denominado estado interior, porque então o homem é visto por dentro, segundo as coisas que

constituem sua mente, vontade e pensamento. Quem observar a vida de um homem, detendo-se em suas palavras e atos, constatará que tais palavras e atos estão dotados de interior e exterior, ou seja, de pensamentos e intenções interiores e exteriores. Esta observação pode ser útil: qualquer homem que tenha vida social julgará do caráter de um terceiro, de acordo com o que sabe ou ouviu dizer a seu respeito. No entanto, ao dirigir-lhe a palavra, não falará o que realmente pensa e, ainda que seja maldoso, agirá com civilidade. Temos o exemplo dos dissimulados e adúladores, que falam e agem de uma maneira, mas pensam e desejam de outra. Ou o exemplo dos hipócritas que falam de Deus, do Céu, da salvação das almas, das verdades da Igreja, dos bens da pátria e do próximo, como se tivessem fé e amor, enquanto na realidade não crêem e amam apenas a si próprios.

Portanto, existe em cada homem dois pensamentos, um interior e outro exterior. Geralmente as pessoas se expressam de acordo com o pensamento exterior, embora sintam com o pensamento interior. Esses dois pensamentos estão separados, pois o homem se esforça por impedir o pensamento interior de afluir no pensamento exterior e manifestar-se.

No entanto, o homem está constituído de tal maneira que o interior e o exterior tendem a compor, por correspondência, uma unidade. É assim entre aqueles que estão no bem, pois esses espíritos pensam e falam apenas o bem. Mas, entre os que estão no mal, o pensamento interior não se une com o pensamento exterior, pois esses espíritos pensam o mal e falam o bem. O seu bem é como uma carapaça que abriga o mal. É por isso que o mal domina o bem e o mantém submisso como um escravo - por meio desse estratagema, os espíritos malévolos conseguem realizar tudo aquilo que convém ao seu amor. Entre os espíritos malévolos, justamente por causa dessa segunda intenção, o bem não é propriamente o bem, pois está infectado pelo mal, independentemente de qual seja a aparência que ele assume aos olhos de outrem.

É completamente diferente entre os espíritos que estão no bem. Nestes, o bem do pensamento interior influi no pensamento exterior, e também na linguagem e nos atos. Essa é a constituição original do homem, pois ele assim foi criado. Quando seu interior está no Céu e sob

a luz do Céu, luz essa que é a Divina Verdade que procede do Senhor, o homem então deixa-se conduzir pelo Senhor.

Foi necessário entrar nesses detalhes a fim de que todos saibam que o homem possui dois pensamentos: um interior e outro exterior. Quando digo pensamento, entenda-se também vontade, pois o pensamento provém da vontade. Creio que, após esta explanação, o estado interior e o exterior do homem já podem ser compreendidos claramente.

Quando falo de vontade e de pensamento, por "vontade entenda-se também o sentimento e o amor, pois o prazer e a volúpia pertencem à vontade. Os prazeres e as volúpias estão relacionados à vontade porque aquilo que o homem deseja, ele ama e sente como algo agradável e delicioso, e, reciprocamente, aquilo que ele ama e sente como algo agradável e delicioso, ele deseja. Por "pensamento" entendeu-se também a maneira como o homem demonstra o sentimento ou o seu amor, pois o pensamento não é outra coisa que a forma da vontade, ou aquilo que permite a esta manifestar-se exteriormente aos olhos dos homens.

O homem é idêntico a seu interior, mas não ao seu exterior. Isso acontece porque o interior do homem pertence ao espírito; em consequência, a vida do espírito é a própria vida do homem - o corpo retira sua vitalidade do espírito. É por isso, aliás, que cada homem se conserva idêntico a si mesmo, durante a eternidade. O exterior, que pertencia ao corpo, se separa do espírito após a morte, porém deixa muitas impressões no espírito. Contudo, essas impressões estão como que adormecidas e servem apenas como base que auxiliará o interior a manifestar-se pela primeira vez. Comentei isso num capítulo atrás, onde discuto a função da memória no mundo dos espíritos. É fácil distinguir quais são as coisas próprias ou não de um homem. Entre os homens malévolos, as coisas que pertencem ao seu pensamento exterior, que conhecemos através das palavras que pronunciam, bem como as coisas que pertencem à sua vontade exterior, que conhecemos através dos atos que realizam, não lhes são próprias. Ao contrário, sem dúvida, as coisas que derivam do seu pensamento e vontade interiores o são.

Quando se conclui o primeiro estado - o estado exterior -, o espírito é colocado no estado interior, que é o estado da vontade interior e do pensamento interior que deriva dessa vontade; o homem que, na Terra, é

capaz de pensar livremente e sem freios, pode também experimentar esse estado, quando o pensamento que inspira sua linguagem volta-se para o pensamento interior e nele permanece. No segundo estado, o homem pensa livremente segundo o sentimento que lhe é próprio, enfim, é ele mesmo.

Qualquer espírito, neste estado, pensa segundo sua vontade, sentimento ou amor. O pensamento forma uma unidade com a vontade, de maneira que, ao pensar em algo, o espírito também dá expressão a desejos íntimos. Sucede o mesmo quando ele fala, com a diferença de que, neste caso, experimenta certo temor de manifestar abertamente o pensamento da vontade; esse temor ele trouxe da vida social que viveu na Terra, porém já está incorporado à vontade.

Todos os homens conhecem esse estado após a morte, porque ele pertence ao espírito. O estado anterior era o do homem nas relações sociais e, portanto, não era o próprio estado. Vimos isso no capítulo precedente, no qual tratei do estado exterior em que se encontra o homem ao chegar ao mundo dos espíritos. Os espíritos, na outra vida, não somente pensam como também falam segundo seu sentimento, pois a linguagem procede do sentimento. Na Terra, qualquer homem também é capaz de pensar dessa maneira, desde que o faça interiormente, pois neste caso, ele já não pensa segundo a linguagem do corpo, mas vê as coisas em seu espírito, e, na verdade, em um minuto vislumbra muito mais coisas do que seria capaz de anunciar depois em meia hora. É ainda mais evidente que o estado exterior não é o estado próprio do homem, ou o estado do seu espírito, se considerarmos que, em sociedade, o homem fala segundo as leis da vida moral e social. O pensamento interior dirige o exterior, como um homem conduz outro, para que o segundo não ultrapasse os limites da cordialidade e da honestidade. Podemos constatar isso quando o homem pensa interiormente e a seguir busca a maneira mais apropriada de falar e agir a fim de agradar a outrem e conquistar-lhe a amizade, a benevolência etc. Se ele agisse segundo a vontade, se comportaria de maneira diferente. Portanto, é fácil perceber que o estado interior, na qual o espírito é colocado após a morte, é o seu próprio estado, e também aquele estado em que ele vivia na Terra.

Quando o espírito está no estado interior, ele age segundo o que traz em si e manifesta abertamente que espécie de homem ele era na Terra. Aquele que, na Terra, estava interiormente no bem, age então de maneira racional e sábia, e até mais sabiamente do que o era na Terra, pois está agora livre dos laços que o atavam ao corpo e também às coisas terrestres, as quais produzem, na mente', obscuridade e confusão. Ao contrário, o espírito que na Terra viveu no mal, comporta-se na outra vida de maneira estúpida e até se torna mais irresponsável do que o era na Terra, pois que agora está em liberdade e nada pode refrear seus impulsos. De fato, na Terra, ele parecia exteriormente sensato, pois simulava ser um homem racional, mas quando essa carapaça desaparece, suas loucuras são reveladas. Os malévolos que, exteriormente, apresentam-se como homens bons, podem ser comparados a um vaso cujo exterior é limpo e brilhante, mas que encerra apenas imundícies. A eles convêm estas palavras do Senhor: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos, e de toda imundície". (Mateus, XXIII, 27).

Todos aqueles que, na Terra, viveram no bem e agiram segundo a consciência, que reconheceram o Divino e amaram a Divina Verdade e, principalmente, se esforçaram em aplicá-la, esses, quando são colocados no segundo estado, têm a impressão de que despertaram de um sono profundo, ou que estão saindo das sombras para a luz. Esses espíritos pensam segundo a luz do Céu, portanto, a partir de uma sabedoria interior, agem segundo o bem, ou seja, a partir de uma sabedoria interior. O Céu influi em seus pensamentos e sentimentos, proporcionado a esses espíritos emoções beatíficas e prazeres interiores, dos quais anteriormente não tinham consciência, pois não podiam se comunicar com os anjos do Céu. Esses espíritos reconhecem o Senhor e O adoram com a própria vida e a mais completa liberdade, pois a liberdade pertence ao afeto interior. No segundo estado, os espíritos retiraram-se de sua santidade exterior e assumem a santidade interior, consistindo nisso, aliás, o culto mais autêntico. Tal é o estado daqueles que levaram na Terra uma vida cristã segundo os preceitos da Palavra Sagrada.

Mas aqueles que, na Terra, viveram no mal e, sem qualquer consciência, estão num estado completamente oposto. Eles negaram o Divino, pois todos aqueles que vivem no mal negam interiormente o Divino, ainda que imaginem fazer o contrário, pois exteriormente O reconhecem. Ora, reconhecer o Divino e viver no mal são duas coisas que se opõem entre si. Na outra vida, quando tais homens assumem o estado interior, eles se comportam de modo excêntrico ao falar e ao agir. Por causa de sua maligna cupidez, eles se dedicam a atos criminosos, sentem ódio e desprezo pelos demais, zombam de todos e de tudo, blasfemam. Maquinam trapagens, às vezes com tal astúcia e malícia, que é difícil acreditar que provenham de homens. Com efeito, estão livres agora para agir segundo o pensamento de sua vontade, uma vez que se separaram finalmente do exterior que, na Terra, os retinha, servindo-lhes de freio. Em uma palavra, esses espíritos estão privados de razão, porque, na Terra, sua razão era apenas exterior. Entretanto, acreditam ser mais sábios que os outros. Durante curtos intervalos, esses espíritos são devolvidos ao estado exterior e recuperam a memória do que realizaram, quando se encontravam em seu estado interior. Alguns ficam prostrados de vergonha e reconhecem que agiram como insensatos; outros, porém, não experimentam vergonha alguma; enquanto existem aqueles que se mostram inconformados com o fato de não poderem permanecer para sempre no estado exterior.

Mas então lhes é mostrado como eles seriam se persistissem continuamente nesse estado. Eles maquinariam clandestinamente os mesmos atos criminosos e, aparentando desejar o bem e a justiça, seduziriam os crédulos e simples de coração; por fim, se perderiam eles mesmos, completamente. Então seu exterior se inflamaria em um incêndio semelhante ao incêndio interior, e consumaria toda sua vida.

Quando os espíritos estão no segundo estado, eles aparecem tal como eram interiormente quando habitavam a Terra. Todas as coisas que fizeram ou disseram em segredo são tornadas públicas, porque já não dispõem de um exterior que as encubra; e, como agora esses espíritos estão destituídos do temor de perder a reputação, dizem e fazem tudo abertamente. Portanto, eles aparecem aos anjos e aos bons espíritos tal como são. A palavras do Senhor proclamam isso: "Nada há encoberto

que não venha a ser revelado; e oculto que não venha a ser conhecido. Porque tudo o que disseste às escuras será ouvido em plena luz; o que disseste aos ouvidos no interior da casa será proclamado dos telhados" (Lucas, XII, 2, 3). "Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia do juízo" (Mateus, XII, 36).

Como é impossível descrever em poucas palavras como são os espíritos malévolos no segundo estado, pois se comportam de uma maneira extravagante que corresponde à cupidez que os domina, citarei somente alguns casos, que permitirão ao leitor imaginar os outros. Os espíritos que na Terra amaram apenas a si próprios, e onde quer que estivessem se preocuparam unicamente com a própria honra, esses se comportaram de maneira mais estúpida do que os outros quando chegam ao segundo estado. Na Terra cumpriram suas obrigações apenas porque assim pensavam granjear renome, visto que desejavam ser estimados mais dignos do que os outros. Esses espíritos devotaram seu prazer ao renome de sua própria honra. Porém, quanto mais se amam, mais se distanciam do Céu; e quanto mais distantes se encontram do Céu, tanto menos sábios eles são.

Os espíritos que muito estimaram a si mesmos e que ao mesmo tempo demonstraram muita astúcia, tendo conseguido alta posição na Terra usando de artifícios, associam-se, ao chegarem na outra vida, aos piores espíritos. Eles praticam artes mágicas que são um abuso da Ordem Divina, e por meio delas importunam aqueles que não os consideram dignos de apreço. Preparam emboscadas, fomentam ódios, anunciam vinganças e se voltam contra todos aqueles espíritos que não lhes são submissos, ameaçando-os com sevícias. Ao manifestarem aberta essas paixões, recebem a solidariedade da turba de malévolos e, finalmente, desejam também escalar o Céu para destruir ou serem abordados como deuses - tal é a sua demência.

Os católicos romanos que possuem esse caráter são mais insensatos do que os outros. Imaginam que o Céu e o Inferno estão submetidos ao seu poder e que eles próprios podem, segundo sua vontade, perdoar ou condenar os pecadores. Reivindicam para si o Divino e tomam o nome do Cristo. Possuem tanta convicção disso que, onde quer que se encontrem, espalham em torno de si confusão, trevas e dor. Também na

Terra eles se comportaram dessa maneira, mas ainda não estavam destituídos de razão. No meu opúsculo *O Juízo Final e a Babilônia Destruída*, descrevo suas loucuras e seu o destino no segundo estado.

Os espíritos que atribuíram a criação à própria natureza e, em conseqüência, negaram o Divino no coração embora não em palavras, associam-se aos seus semelhantes, na outra vida, o chamam de Deus àquele dentre eles que demonstra mais astúcia do que os outros; chegam a render-lhes honras divinas. Numa assembléia desses espíritos, vi um mágico ser adorado por um pequeno grupo que debatia acaloradamente acerca das coisas da natureza e se comportava de modo extravagante, como animais. Alguns desses espíritos tinham sido grandes dignitários na Terra, enquanto os outros gozaram a reputação de extraordinários cientistas e sábios. Presenciei muitas outras manifestações de loucura.

Através desses exemplos quis mostrar como é o interior daquele cuja mente se fechou para o Céu, ou como é o interior de qualquer outro espírito que não recebeu influxo algum do Céu através da fé e do reconhecimento do Divino. Que o leitor imagine uma pessoa que não professa obediência a nenhuma lei nem teme perder a vida, uma pessoa sem liames externos, quer seja uma reputação a preservar, quer seja uma certeza de lucro ou de volúpia. Tal é o retrato do espírito malévolos. Contudo, sua loucura é sempre moderada pelo Senhor para que não ultrapasse os limites convenientes, pois cada um desses espíritos possui um papel a desempenhar.

Os bons espíritos vêem neles o que é o mal e em que este consiste, ou seja, uma amostra de como é o espírito que deixou de ser conduzido pelo Senhor. Outro papel desses espíritos enlouquecidos é reunir num só grupo todos os demais espíritos que se lhes assemelham, os quais devem ser mantidos separados dos bons. Desse modo, as verdades e o bem que os maus espíritos exibiram ou simularam lhes são retirados na outra vida, pois agora estão imersos no mal e na falsidade do mal e sendo preparados para o Inferno. Ninguém vai para o Inferno se não estiver no mal e na falsidade do seu mal, porque lá ninguém entra com a mente dividida, isto é, quando pensa e fala de uma maneira e deseja de outra.

No Inferno, cada espírito deve pensar a falsidade segundo o mal e falar do mal que corresponde à sua vontade segundo a falsidade, e assim

segundo seu amor e segundo o prazer e a volúpia desse amor. Isso, aliás, já lhe sucedia na Terra, nas vezes em que pensava segundo o sentimento interior. Com efeito, o homem é sua própria vontade, e não seu pensamento, a menos que este provenha da sua vontade. Como a vontade é idêntica ao próprio caráter ou natureza do homem, toda vez que este se reconcilia com sua vontade é porque assumiu sua verdadeira natureza ou seu verdadeiro caráter, que é sua própria vida. Após a morte, o homem não modifica o caráter; entre os maus espíritos, por exemplo, a compreensão da verdade não corrige ou modifica o passado, ou seja, a vida que levaram na Terra.

Quando os maus espíritos estão no segundo estado, eles praticam todo tipo de malvadeza, mas depois são severamente punidos. Existem diferentes castigos no mundo dos espíritos, que são aplicados a todos, sejam reis ou servidores - todo mal acarreta um castigo, pois o mal e o castigo compõem uma unidade. Quem quer que esteja no mal sofrerá o castigo correspondente. Entretanto, nenhum espírito é punido pelas maldades que fez na Terra, mas apenas pelas suas maldades atuais. Poder-se-ia afirmar, no entanto, que esses espíritos estio sendo punidos por seus pecados passados, pois, ao entrarem no mundo dos espíritos, retomam a vida que levavam anteriormente e, em conseqüência, cometem os mesmos pecados, pois o caráter de um homem nunca se modifica. Eles são punidos, na outra vida, porque o temor do castigo é o único meio de reprimir o mal que neles sempre aflora. A exortação é completamente ineficaz, e tampouco a instrução, o temor da lei, o medo de perder a reputação exercem qualquer efeito sobre eles. Apenas o castigo consegue reprimir ou dominar esses malévolos. Os bons espíritos, pelo contrário, jamais são punidos, ainda que na Terra tenham cometido algum mal, porque neste caso, não desejam cometê-los novamente. No mundo dos espíritos, disseram-me que a maldade dos bons espíritos é de outro gênero ou de outra natureza, pois não agem deliberadamente contra a verdade - não trazem o mal no coração, antes herdaram-no de seus pais. Esse mal hereditário às vezes os impulsiona a um prazer cego, quando estão separados de seu interior.

Cada espírito dirige-se, na outra vida, à sociedade do qual já fazia parte quando ainda vivia na Terra, pois todo espírito está conjugado seja

a uma sociedade infernal, seja a uma sociedade celestial. Já falei sobre isso em outro capítulo.

Quando um espírito mau é colocado em seu estado interior, ele se volta para a sociedade de que é membro e gradualmente se aproxima dela. Quando o segundo estado finalmente se conclui, esse espírito se arroja ao Inferno, encontrando seus semelhantes. Presenciei uma cena dessas: vi um homem cair num precipício, com os pés voltados para cima e a cabeça para baixo. Esse espírito desceu numa ordem invertida, porque, na Terra, amara as coisas infernais e rejeitara as celestes. Existem espíritos que, quando ainda estão no segundo estado, também entram no Inferno e algum tempo depois retornam, mas nesse caso não despencam com o corpo na ordem invertida. Explico-me: a sociedade da qual esses espíritos eram membros lhes foi mostrada quando ainda se encontravam no estado exterior, para que compreendessem que já estavam no Inferno durante a sua estada no mundo natural, porém não num estado idêntico ao dos espíritos infernais, que são espíritos julgados e condenados na outra vida.

Os maus espíritos se separaram dos bons espíritos no segundo estado. No primeiro estado todos eles permanecem juntos, porque o espírito se comporta como se ainda estivesse na Terra, e se relaciona exteriormente tanto com o bom como com o mau espírito. Mas isso só dura até o instante em que o espírito é devolvido ao seu interior e assume a própria natureza ou sua vontade. A separação dos espíritos se faz de diversas maneiras. Os maus espíritos costumam se dirigir àquelas sociedades com as quais, no primeiro estado, haviam mantido contato através do pensamento e de bons sentimentos, induzindo os membros a crerem que eram pessoas de bem. Mas são desmascarados. É mais comum serem conduzidos a uma vasta planície onde são mostrados aos bons espíritos com a sua verdadeira face. Quando percebem o seu aspecto maligno, os bons espíritos voltam o rosto para o lado oposto; os maus espíritos, porém, conservam o rosto voltado para a região das sociedades infernais.

Assim se dá mais freqüentemente a separação, mas existem outras formas que não descreverei.

O TERCEIRO ESTADO DO HOMEM APÓS A MORTE (A PREPARAÇÃO PARA A VIDA CELESTE)

O terceiro estado do homem após a morte é o da instrução. Esse estado sucede somente aos que irão ao Céu e se tornarão anjos, mas não para os demais, que não podem ser instruídos e merecerão o Inferno. Para estes, o segundo estado é também o terceiro, uma vez que estão inteiramente dominados pelo seu amor e se voltam para a sociedade infernal que corresponde a esse amor. Quando isso acontece, tudo está terminado para eles, pois pensam e desejam segundo seu amor e, como este é um amor infernal, querem somente o mal e pensam exclusivamente na falsidade, obtendo nisso enorme prazer. Em conseqüência, rejeitam o bem e a verdade que anteriormente haviam aceito, porque esse bem e essa verdade serviram apenas como meios para esse amor.

Os bons, ao contrário, são conduzidos ao terceiro estado, a fim de serem preparados para o Céu, através da instrução. De fato, somente a instrução, ou seja, o conhecimento do bem e da verdade, prepara os espíritos para a vida celeste. Sem essa instrução, ninguém pode conhecer o bem e a verdade espirituais, nem o mal e a falsidade que são seus opostos. Na Terra, qualquer pessoa sabe o que são o bem e a verdade cívicos e morais, denominados justiça e sinceridade, porque existem leis cívicas que ensinam o que é o justo e o que são relações sociais através das quais o homem aprende a viver segundo as leis morais, todas relacionadas com a sinceridade e a justiça. Mas o bem e a verdade espiritual somente podem ser compreendidos no Céu. Pois embora a Palavra Sagrada e a doutrina da Igreja exponham o assunto, não podem influenciar o homem que interiormente já não se encontra no Céu.

O homem está no Céu quando reconhece o Divino e ao mesmo tempo age com justiça e sinceridade, tal como recomenda a Palavra

Sagrada. Ele vive na justiça e na sinceridade por causa do Divino e não por qualquer outra razão de natureza pessoal ou mundana. Mas ninguém age dessa maneira sem antes ter sido instruído.

É preciso saber que existe um Deus, um Céu e um Inferno e uma vida após a morte; é preciso também saber que se deve amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo; e, sobretudo, é preciso também crer na Palavra Sagrada, pois ela contém somente coisas Divinas. Sem o conhecimento dessas verdades, o homem é incapaz de pensar espiritualmente. Se não pensar nessas verdades, o homem não as desejará, pois ele só pode desejar as coisas nas quais pode pensar. Quando o homem deseja essas verdades, o Céu o auxilia, vale dizer: o Senhor influencia sua vida, primeiro dirigindo a sua vontade, depois o pensamento e, finalmente através de ambos, atingindo toda a sua vida, pois a vida de um homem provém da vontade e o pensamento. É evidente, portanto, que o bem e a verdade espirituais não são ensinados na Terra, mas no Céu; e ninguém pode ser preparado para o Céu a não ser através de uma instrução especialmente voltada para esse fim.

Cada vez que o Senhor influi na vida de um espírito, Ele o está instruindo, pois inflama sua vontade com o desejo de conhecer a verdade, ao mesmo tempo em que aclara o seu pensamento a fim de que o homem possa saber o que é essa verdade. Progressivamente, o interior do homem se vai abrindo e o Céu aí é implantado. Ademais, o Divino e o Celeste influenciam nas coisas relacionadas à sinceridade moral e à justiça cívica, transforma-as em realidades espirituais, de modo que o homem as põe em prática em nome do Divino.

As coisas que se relacionam à sinceridade e as ligadas à justiça tornam-se efeitos da vida espiritual, embora todas pertençam à vida moral e cívica. O efeito tudo tira de sua causa eficiente.

As instruções preparatórias para o Céu são dadas por anjos das diversas sociedades celestes, mas particularmente por aqueles que pertencem às sociedades das regiões setentrional e meridional, pois essas sociedades distinguem-se em inteligência e sabedoria, possuindo grande conhecimento do bem e da verdade. As instruções são ministradas em locais situados próximos à região setentrional; esses locais se estendem uns após os outros até uma grande distância. A cada local correspondem

apenas determinados gêneros e espécies de bens celestes, a fim de que os espíritos possam ser instruídos de acordo com seu caráter e sua capacidade de apreensão.

Os bons espíritos são conduzidos a esses locais pelo Senhor quando contemplam o segundo estado. Entretanto, nem todos precisam passar pelo terceiro estado: os espíritos que se instruíram na Terra e foram também preparados pelo Senhor são elevados ao Céu por um outro caminho. Alguns ascendem diretamente ao Céu logo após a morte, outros depois de uma breve estada entre os bons espíritos, durante a qual se purificam dos aspectos grosseiros do pensamento e do sentimento, aspectos relacionados às honras e riquezas mundanas.

Antes de iniciar-se a instrução, alguns espíritos são submetidos a dolorosa prova, num local situado dentro da Terra, denominado Terra Interior. Os espíritos que não renegaram o mal, a despeito de terem levado uma vida de bem, são submetidos a duros tormentos, pois o mal aderiu fortemente a eles, e precisam ser destruídos, do contrário esses espíritos não seriam capazes de ver ou receber a verdade.

Os espíritos que estão nos locais de instrução habitam separadamente, e cada um se comunica, através de seu interior, com a sociedade celeste que em breve o receberá. Essas sociedades estão organizadas segundo a forma celeste, e os locais de instrução também estão dispostos na mesma ordem.

Quando vistos no Céu, esses lugares aparecem em conjunto como um Céu menor. Eles se estendem numa extensão do Oriente ao Ocidente, e em largura do sul ao norte, mas a largura é menor que a extensão. Eis sua disposição geral: na frente, ficam os espíritos que morreram na infância e foram criados no Céu até o começo da adolescência; ao atingirem essa idade, são levados pelo Senhor aos locais de instrução. Atrás deles encontram-se os espíritos que morreram adultos e que, na Terra, cultivaram o sentimento da verdade segundo o bem da vida. Depois deles aparecem os espíritos que professaram a religião de Maomé, espíritos que tiveram na Terra uma vida moral digna e reconheceram um único Ser Divino o Senhor como profeta. Quando se separam de Maomé, que já não lhes pode ser útil, eles se aproximam

do Senhor e O adoram, reconhecendo sua divindade; são então instruídos na religião cristã.

Depois deles, em direção ao norte, são instruídos os povos de diferentes nações que, na Terra, levaram uma vida digna, de acordo com a religião que professaram, a qual lhes dotou de uma espécie de consciência. Praticaram a justiça não por causa das leis de sua nação, mas em nome da religião, cujos preceitos procuraram cumprir com retidão. Quando termina sua instrução, eles não têm dificuldade em reconhecer o Senhor, pois sentem no coração que Deus não pode ser algo invisível, mas sim um ser dotado de forma humana. Esses espíritos são numerosos e os melhores são oriundos da África.

Os bons espíritos não são todos instruídos da mesma maneira, nem tampouco pelas mesmas sociedades celestes. Os que desde a infância foram criados no Céu são instruídos pelos anjos do Céu interior, pois não estão imbuídos das falsidades de nenhuma religião, nem mancharam sua vida espiritual com coisas grosseiras que derivam das honras e riquezas mundanas.

Os espíritos que morreram adultos são em sua maioria instruídos pelos anjos do último Céu, pois esses anjos estão mais próximos deles do que os anjos dos céus mais interiores, cuja sabedoria ainda não lhes pode ser transmitida. Os muçulmanos são instruídos pelos anjos que foram membros da mesma religião e que depois se converteram ao Cristianismo. Os espíritos originários de outras religiões são igualmente instruídos por seus respectivos anjos.

A instrução se baseia na doutrina retirada da Palavra Sagrada, e não na Palavra Sagrada sem doutrina. Os cristãos são instruídos segundo a Doutrina Celeste que concorda inteiramente com o sentido interno da Palavra Sagrada. Os outros, como os muçulmanos, por exemplo, são instruídos segundo doutrinas adequadas a sua compreensão. Essas doutrinas diferem da celeste: somente no que diz respeito à forma como a vida espiritual é ensinada, ou seja: através da vida moral retirada dos bons dogmas da religião que dirigiu a vida (lesses espíritos não-cristãos).

A instrução celeste difere da instrução mundana porque não transmite conhecimentos para serem guardados na memória, mas para serem vividos, pois entre esses espíritos a memória é também a vida. Os

espíritos possuem sentimentos e, por conseguinte, apresentam-se com a forma humana que corresponde a esses sentimentos. Disso resulta que não se impregnam de tudo o que lhe é transmitido, mas somente das coisas que tocam seus sentimentos. Sendo assim, amam particularmente as verdades que podem ser aplicadas de imediato a suas vidas. Com efeito, o Senhor dá a cada espírito costumes ou hábitos que convêm ao caráter e ao amor de cada um, e esse amor, por sua vez, se inflama com a possibilidade de tornar-se celeste.

Os costumes celestes estão em harmonia com os costumes humanos, acessíveis a todos, de maneira que mesmo aquilo que constitui um costume especial e singular, no Reino do Senhor, também diz respeito ao uso comum. Em cada espírito, o amor à verdade está em conjunção com o amor ao costume celeste, ao ponto de ambos constituírem uma unidade. A verdade está implantada no costume, de maneira que qualquer verdade recebida a verdade que melhor se adapta ao costume. Os espíritos angelicais são assim preparados para o Céu.

O amor à verdade que convém ao costume é introduzido nesses espíritos através de diferentes meios, a maioria desconhecida na Terra. Os instrutores servem-se de exemplos, mostrando costumes que se manifestam no mundo espiritual de mil maneiras distintas e com tal encanto e proporcionando tal delícia, que logo são absorvidos pelos espíritos, que deles se impregnam tanto interior como exteriormente. O espírito se transforma, por assim dizer, no costume que lhe corresponde, e quando finalmente ele adentra na sociedade na qual foi iniciado pela instrução preparatória, já está de posse de sua vida, pois possui o costume correspondente. É fácil ver agora que os conhecimentos são verdades externas e não conduzem ao Céu, pois o que leva ao Céu é a própria vida, quando vivida de acordo com o costume implantado pelos conhecimentos.

Alguns homens estão convencidos que irão para o Céu e que lá serão recebidos de preferência aos outros porque são eruditos e conhecem muito a Palavra Sagrada e as doutrinas da Igreja. Crêem que são sábios e que foram designados por Daniel, quando este diz: "Os que forem sábios, pois, resplandecerão, como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas sempre e

eternamente" (Daniel, XII, 3). Na outra vida, esses espíritos são examinados como os outros para que se saiba se seus conhecimentos residem na memória ou na sua vida. Somente os espíritos que amaram realmente a verdade adentram o Céu, após serem instruídos; são espíritos que, segundo o costume que adotaram na Terra, esforçaram-se por separar-se das coisas corporais e mundanas. A esses é ensinado que no Céu resplandece a Divina Verdade e que o costume do espírito é a base que absorve essa luz e a seguir a converte em esplendores variados.

Ao contrário, os espíritos que na Terra apenas receberam conhecimentos superficiais e os armazenaram na memória, adquirindo assim a capacidade de discorrer sobre a verdade ou de sustentar certos princípios, esses não tiveram pudor de confirmar qualquer falsidade que se lhes apresentasse como verdade indiscutível. São espíritos que não possuem a luz do Céu e que por orgulho crêem ser mais sábios do que os outros, razão por que pensam que o Céu os receberá com todos os anjos prontos para servi-los. A fim de serem demovidos dessas idéias extravagantes, são elevados ao Primeiro ou ao último Céu, onde são introduzidos nas sociedades angelicais. Quando se aproximam da entrada, recebem a luz do Céu e, desde esse momento, já não podem ver porque o esplendor os cega. Tampouco conseguem compreender o que está sucedendo e, finalmente, a respiração se assemelha mais e mais à dos agonizantes. Quando sentem o calor do Céu que é o amor celeste, cresce seu tormento interior. São então retirados desses lugares e a seguir instruídos pelos anjos. Compreendem, finalmente, que um anjo não está constituído por conhecimentos, mas pela vida que adquiriu por meio desses conhecimentos. Os conhecimentos, considerados em si mesmos, estão fora do Céu, mas a vida que se constitui a partir deles está no Céu.

Os espíritos, como estão dotados de idéias espirituais que encerram uma infinidade de coisas, costumam ser instruídos em pouquíssimo tempo. Quando estão preparados para o Céu, são vestidos com vestes angelicais como que tecidas de fino linho e quase sempre de uma brancura luminosa. Então avançam por um caminho que ascende até o Céu e encontram-se com anjos que desempenham a função de guardas. Depois são recebidos por outros anjos e introduzidos em diferentes

sociedades, experimentando aí certa felicidade. Mais tarde, o Senhor conduz cada espírito até a sua respectiva sociedade, através de diversos caminhos, alguns cheios de meandros. Nenhum anjo conhece esses caminhos, somente o Senhor os conhece. Quando o espírito chega à sociedade que lhe corresponde, seu interior se abre e, como esse interior é idêntico ao dos demais anjos, estes recebem com alegria o recém-chegado.

Gostaria de acrescentar ainda uma informação memorável sobre os caminhos que os anjos novos percorrem para chegar ao Céu. Existem oito caminhos, dois em cada lugar de instrução, sendo que um dirige-se ao Oriente e o outro ao Ocidente. Os que se encaminham ao Reino Celeste do Senhor tomam o caminho oriental, enquanto os demais, que se encaminham ao Reino Espiritual do Senhor, tomam o caminho ocidental. Os quatro caminhos que conduzem ao Reino Celeste do Senhor estão ornamentados de oliveiras e árvores frutíferas de espécies diferentes, e os quatro restantes, que levam ao Reino Espiritual do Senhor, apresentam-se ornamentados de vinhas e loureiros. As vinhas e os loureiros corresponderá ao amor à verdade, e as oliveiras e as árvores frutíferas, ao amor do bem.

A MISERICÓRDIA IMEDIATA NÃO CONDUZ AO CÉU

Os homens que não foram instruídos sobre as coisas do Céu, nem sobre o caminho que a ele conduz ou sobre a vida celeste no próprio homem, acreditam que basta ter fé para ganhar, por misericórdia, o Paraíso. Esses crêem que o Senhor intercederá em seu favor e que assim serão admitidos no Céu através da graça, e que todos os homens podem ser salvos cia mesma maneira. Alguns até chegam a acreditar que a misericórdia também alcança os habitantes do Inferno. Mas quem defende tais crenças não possui conhecimento algum do homem. Não sabe que o homem é absolutamente idêntico à sua vida, e que essa vida é

idêntica ao seu amor, que esta presente tanto na vontade e no entendimento interior quanto na forma exterior do corpo. Não sabe que a forma corporal é tão-somente a forma exterior através da qual o interior se manifesta, e que o homem inteiro é idêntico ao seu ardor. Não sabe que o corpo não possui vida própria, mas retira sua vitalidade do espírito, e que o espírito do homem é o seu próprio invento interior; não sabe igualmente que o corpo do espírito é o sentimento interior do homem numa forma humana, apresentando assim no inundo dos espíritos. Quando o homem não possui tais conhecimentos, ele pode ser facilmente induzido a crer que a salvação é um dom divino, denominado misericórdia ou graça.

A Divina Misericórdia é pura misericórdia para com todo o gênero humano, visando a salvá-lo, é constante e não abandona ninguém. Assim são salvos todos aqueles que podem ser salvos, mas ninguém pode salvar-se a não ser através dos meios divinos que foram revelados pelo Senhor na Palavra Sagrada. Esses meios são chamados Verdades Divinas e ensinam como o homem deve viver para ser salvo. Através deles, o Senhor conduz o homem ao Céu e implanta em seu interior a vida Celeste. O Senhor age assim com todos os homens, porém nada pode fazer por aquele que persevera no mal, pois o mal é um obstáculo. Mas se o homem se abstém de fazer o mal, o Senhor o acompanha e o conduz ao Céu através dos seus meios divinos, por pura misericórdia, desde a infância até o final de sua vida na Terra, e em seguida por toda a eternidade. Eis o que significa a Misericórdia Divina. É evidente que se trata de pura misericórdia, porém não é imediata, o que equivale a dizer que não existe salvação através da graça, independentemente da maneira como o homem viveu na Terra.

O Senhor jamais faz alguma coisa contra a Ordem, pois a Ordem é Ele mesmo. A Verdade Divina, que procede do Senhor, constitui a Ordem, e as verdades celestes as Leis da Ordem, segundo as quais o Senhor conduz o homem. O homem não poderia ser salvo por misericórdia imediata porque isso é contra a Ordem Divina e o que é contra a Ordem Divina é contra o Divino.

A Ordem Divina é o Céu no homem, mas o homem perverteu essa ordem escolhendo uma vida que contraria as leis da Ordem, que são as

verdades celestes ou divinas. O Senhor, por pura misericórdia, repõe o homem na ordem original através das leis que a constituem. Se o homem permanece na Ordem, ele recebe o Céu, e aquele que recebe o Céu ascende ao Céu. Portanto, é outra vez evidente que a Misericórdia Divina do Senhor é pura misericórdia, mas não misericórdia imediata.

Se algum homem pudesse ser salvo pela misericórdia imediata, todos nós o seríamos, mesmo os que se encontram no Inferno. Aliás, não haveria Inferno, porque o Senhor é a própria Misericórdia, o próprio Amor e o próprio Bem. Contudo, afirmar que Ele pode salvar imediatamente todos os homens, mas não o faz, é ir contra o Divino do Senhor. Segundo a Palavra Sagrada, sabemos que o Senhor quer a salvação de todos e não deseja a danação de ninguém.

A maior parte dos que cresceram na religião cristã, ao chegarem no outro mundo, trazem consigo a crença de que serão salvos através da misericórdia imediata, pois eles a imploram. Na verdade, eles acreditam que ascender ao Céu consiste unicamente em ser admitido nele para gozar das delícias e alegrias, mesmo quando se ignora o que seja o Céu e suas alegrias. Esses espíritos então são informados de que o Senhor não nega o Céu a ninguém; e que qualquer um pode, se desejar, nele ser introduzido ou mesmo residir. Alguns espíritos que desejavam o Céu e que finalmente nele foram admitidos, ao sentirem a emanção do calor celeste, que é o amor no qual vivem os anjos, e a irradiação da luz celeste, que é a Verdade Divina, ficaram em tal ansiedade, que experimentaram a seguir um tormento infernal ao invés de uma alegria angelical. Tomados de terror, eles se precipitaram para baixo. Assim, através dessa viva experiência, compreenderam que o Céu não pode ser dado a qualquer um por imediata misericórdia.

Conversei com os anjos sobre esse assunto e lhes contei que, aqui na Terra, quem vive no mal costuma afirmar que no Céu só se é admitido por misericórdia. Os que crêem nisso são principalmente os homens que consideram a fé como único meio de salvação. Em obediência a esse princípio, desconsideram a vida e as obras de amor que constituem a vida, ou seja, desconsideram todos os outros meios através dos quais o Senhor introduz o Céu no próprio homem, tornando-o apto a gozar as alegrias celestiais. Como eles rejeitam a salvação através das obras,

afirmam, como não poderia ser diferente, que o homem chega ao Céu somente pela misericórdia, graças à intercessão do Filho junto ao Deus Pai. Os anjos me responderam que esse dogma estava de acordo com o princípio segundo o qual só a fé salva. Mas como não se trata de um dogma verdadeiro, pelo contrário, nenhum luz recebia do Céu; e justamente porque dera origem a outros dogmas também aceitos, era a razão da ignorância atual da Igreja.

A Igreja de nossos dias ignora não apenas quem é o Senhor, como também o que é o Céu, a vida após a morte, a alegria celeste, a essência do amor e da caridade. Em geral, ela nada sabe acerca do bem e da conjunção do bem com a verdade, isto é, da própria vida do homem. Ela não conhece sequer a origem e a qualidade dessa vida, porque ignora a vontade e os atos da vontade. Ora, a vida procede da vontade, em conseqüência também procede do amor, e não apenas da fé, porque neste caso ela procederia não propriamente do amor, mas do pensamento. Os anjos se mostraram aflitos com a ignorância dos homens, que não sabem que a fé não pode existir sozinha, pois a fé se origina do amor, a fé sem amor é apenas ciência ou então uma espécie de persuasão que simula a fé. Essa persuasão é apenas exterior, pois está separada do homem, se não se harmoniza com seu amor.

Todos os homens que vêem a fé como o meio essencial de salvação acreditam necessariamente na misericórdia imediata, disseram-me os anjos. Acreditam nisso porque percebem, através de sua compreensão natural ou simplesmente olhando para seus companheiros, que a fé sozinha não determina o que será a vida de um homem, sobretudo quando este leva uma vida condenável. Decorre daí a crença de que os maus espíritos podem ser salvos como os bons, contanto que, à hora da morte, eles implorem com confiança Misericórdia Divina.

Os anjos, a seguir, declararam que nunca viram entrar no Céu, por misericórdia imediata, ninguém que tivesse tido uma vida condenável, ainda que na Terra houvesse professado a fé. Perguntei-lhes, então, se Abraão, Isaac, Jacó e Davi e os apóstolos não teriam sido recebidos no Céu por misericórdia imediata. Os anjos responderam que não, porque cada um desses homens foi tratado de acordo com sua vida na Terra;

ademais, os anjos sabiam onde eles se encontravam naquele momento, mas declararam que não eram mais estimados do que os outros espíritos. A Palavra Sagrada fala deles com respeito porque foi através de sua voz que o Senhor se manifestara. Através de Abraão, Isaac e Jacó, o Senhor discorre sobre a Divindade e a Divina Humanidade; através de Davi, o Senhor discorre sobre o Reino Divino e, através dos apóstolos, sobre a Verdade Divina. O nome desses homens não penetra no Céu, quando os anjos lêem a Palavra Sagrada, porque no lugar deles se apresenta o próprio Senhor. No Céu, a Palavra Sagrada é apreendida segundo o sentido interno.

Posso testemunhar, através de inúmeras experiências, que é impossível introduzir a vida do Céu naqueles espíritos que na Terra viveram em completa oposição à vida celeste. Com efeito, muitos acreditam que compreenderão com facilidade as verdades divinas, apenas ouvindo a explanação dos anjos; afirmam também que acreditarão nas verdades e que as praticarão, pois almejam serem recebidos no Céu. A alguns espíritos, que pensavam dessa maneira, foi dada a oportunidade de ouvirem os anjos, porém eles logo se deram conta de que após a morte o arrependimento é impossível. Uns poucos compreenderam e aceitaram as verdades, mas, quando foram devolvidos à vida do seu amor dominante, prontamente rejeitaram as verdades e discursaram contra as mesmas. Outros rejeitaram no ato as verdades, mesmo sem havê-las compreendido. Outros quiseram desfazer-se da vida do seu amor dominante, contraída na Terra, para substituí-la pela vida angelical, isto é, a vida do Céu.-Porém, quando a vida do seu amor lhes foi retirada, por ordem do Senhor, esses espíritos permaneceram estendidos como mortos, e não gozavam mais de nenhuma de suas faculdades.

É através dessas e outras experiências que os bons espíritos simples chegam à compreensão de que nenhuma vida pode ser modificada após a morte. Uma vida má não pode ser transformada numa vida boa, ou uma vida infernal numa vida angelical, pois todo espírito, da cabeça aos pés, é idêntico a seu amor, a sua vida. Mudar essa vida numa vida oposta seria o mesmo que destruir completamente o espírito. Segundo os anjos, é mais fácil transformar uma coruja em pomba, ou numa ave-do-paraíso,

do que transformar um espírito infernal em anjo do Céu. Após a morte, o homem se conserva idêntico ao que ele era na Terra. É evidente, portanto, que ninguém pode receber o Céu por misericórdia imediata.

NÃO É ÁRDUA A VIDA QUE CONDUZ AO CÉU

Algumas pessoas acreditam que a vida que conduz ao Céu - denominada espiritual - é uma vida bastante árdua. Essas pessoas ouviram dizer que se deve renunciar ao mundo e abster-se completamente dos prazeres do corpo e da carne. Entendem que viver espiritualmente consiste em rejeitar as coisas mundanas, principalmente riquezas e honras, optando-se por uma vida de orações, de leituras da Palavra Sagrada e dos livros piedosos. Enfim, uma vida de meditação a respeito de Deus, da salvação e da vida eterna... Essas pessoas acreditam, portanto, que devem renunciar ao mundo e viver apenas para o espírito, excluindo as exigências da carne. Contudo, numerosas experiências e conversas com os anjos ensinaram-me que não é exatamente assim.

Os anjos também me ensinaram que aqueles que renunciaram ao mundo e vivem apenas para o espírito se preparam para uma vida triste e não receberão a alegria celeste, porque a vida do homem não se modifica após a morte. Para que o homem venha a receber a vida do Céu, é necessário que ele viva plenamente na Terra, realizando afazeres e negócios e recebendo a vida espiritual por intermédio da vida moral e cívica. A vida espiritual do homem não pode ser cultivada de outra maneira. Viver uma vida interna, sem uma vida externa, é como habitar uma casa sem fundamento que, progressivamente, cobre-se de rachaduras, e depois desmorona, ou inclina-se até tombar.

Quando examinamos a vida do homem com atenção, percebemos que ela é tripla: espiritual, moral e cívica, e que essas vidas são distintas.

Certos homens vivem a vida cívica sem a vida moral e espiritual; outros vivem a vida moral sem a vida espiritual. Outros, contudo, vivem a vida cívica, a vida moral e também a vida espiritual - estes, de fato, estão na vida do Céu, ao contrário dos outros. Então, é fácil verificar que a vida espiritual não está separada da vida natural ou mundana, mas que ambas estão unidas como corpo e alma. Com efeito, a vida moral e cívica é a vida espiritual em ação, pois desejar o bem é algo que pertence à vida espiritual, e fazer o bem é algo que pertence à vida moral e cívica. Se essas vidas se separam, a vida espiritual se recolhe ao pensamento e à linguagem, e a vontade enlanguesce, porque em mais nada se apóia. Entretanto, a vontade é o próprio espírito do homem.

Pretendo mostrar a seguir que a vida que conduz ao Céu não é tão difícil ou árdua quanto parece. Qual é o homem que não pode levar uma vida cívica e moral? Cada um de nós nela foi iniciado na infância e a conhece através da vida mundana. Cada um de nós, tanto o malévolo como o bom, leva essa vida, pois todos queremos passar por justos e sinceros aos olhos do mundo. Quase todos os homens praticam essas virtudes exteriormente, fingindo que agem em nome da justiça e da sinceridade, sem quaisquer outras intenções.

O homem espiritual pode praticar essas mesmas virtudes com maior facilidade do que o homem natural, e com a diferença de que crê no Divino. Ele age com sinceridade e justiça, não apenas porque isso está de acordo com as leis cívicas e morais, mas também porque as Leis Divinas assim determinam. Esse homem sempre pensa nas coisas Divinas ao agir na Terra e desse modo ele se comunica com os anjos do Céu. Na medida em que o faz, une-se a eles e seu interior se abre, interior esse que se intensifica com o próprio homem espiritual. Quando o homem está nesse estado, ele é adotado e conduzido pelo Senhor, sem que o saiba. Desde então, qualquer coisa que ele faça em obediência à vida moral e cívica, possui uma origem espiritual. Praticar a sinceridade e a justiça sem segundas intenções, mas por elas mesmas, é agir guiado pelo coração.

Essa justiça e sinceridade se assemelham à justiça e sinceridade dos homens naturais, e mesmo à justiça e sinceridade dos homens falsos e malignos, mas só exteriormente, porque por dentro elas são muito

diferentes de quaisquer outras. Com efeito, os homens malévolos podem ser justos e sinceros, mas na realidade estão pensando apenas em si e na opinião mundana. Se eles não temessem ser castigados ou comprometer sua reputação, sua honra, seus lucros e sua vida, sem dúvida agiriam sem justiça e sinceridade, pois não temem a Deus nem às Leis Divinas. Nenhum laço interno os retém, de maneira que enganariam, pilhariam ou despojariam os outros tanto quanto pudessem, apenas por prazer. É esse seu caráter interno, tal como constatei no mundo dos espíritos, onde já não possuem um exterior para ocultá-lo. Mas, neste caso, como foram destituídos de quaisquer laços externos, agem como insensatos e troçam da sinceridade e da justiça. Ao contrário, os espíritos que na Terra agiram com sinceridade e justiça por causa das Leis Divinas continuam, na outra vida, agindo com a mesma sabedoria, ainda que destituídos de quaisquer liames externos - eles estão unidos interiormente aos anjos do Céu, que lhes comunicam essa sabedoria. É evidente, portanto, que embora o homem espiritual possa agir exteriormente de maneira idêntica ao homem natural na vida cívica e moral, interiormente ele estará, através de sua vontade e de seu pensamento, unido ao Divino, sempre.

Às leis da vida espiritual, da vida cívica e da vida moral são ensinadas nos dez preceitos do Decálogo. Os três primeiros preceitos contêm as leis da vida espiritual, aos quatro seguintes às leis da vida cívica e os três últimos às leis da vida moral.

O homem puramente natural vive exteriormente sob os mesmos preceitos que o homem espiritual. Ele cultua da mesma maneira o Divino, vai ao templo, escuta as predições, assume no rosto um ar adequado à devoção. Não mata, não comete adultério, não rouba, não pronuncia falso testemunho, não despoja seus companheiros de nenhum bem. Porém, só age assim por vaidade, para exhibir-se aos olhos do mundo. Na sua forma interna, esse homem é o oposto do que aparenta exteriormente, porque nega o Divino no coração. No culto, age como hipócrita, pois ri das coisas santas da Igreja, as quais, segundo ele, só servem para manter sob controle as pessoas simples. Disso resulta que esse homem está completamente separado do Céu. Mas se ele não é um homem espiritual, tampouco é um homem moral ou cívico, pois, ainda

que se abstenha de cometer crimes, cultiva um ódio surdo contra todos os que lhe opõem e arde de desejo de vingar-se dos inimigos.

Se as leis cívicas e outros liames externos não o retivessem, certamente mataria seus semelhantes, mas como seu desejo interno é exatamente esse, é como se ele os estivesse matando continuamente. Ainda que não cometa adultério, ele é perpetuamente adúltero, porque considera lícito praticá-lo quando a situação é favorável. Esse mesmo homem não rouba, entretanto, como deseja os bens dos outros e acredita que as fraudes e os ardis desonestos não se opõem inteiramente às leis, ele rouba em intenção. Age da mesma forma em relação aos preceitos da vida moral, que prescrevem ao homem não dar falso testemunho ou desejar os bens do próximo. Assim se comporta todo homem que nega o Divino e que está destituído de consciência religiosa.

É fácil verificar qual é a qualidade desses homens através dos espíritos que, na outra vida, possuem um caráter igual ao seu. Após a morte, quando esses espíritos são destituídos de seu exterior, eles compõem interiormente uma unidade com o Inferno e associam-se com seus moradores, pois estão separados do Céu. Sucede o oposto com aqueles espíritos que, na Terra, reconheceram de coração o Divino e sempre procuraram agir segundo as Leis Divinas e os três primeiros preceitos do Decálogo, entre outros. Quando eles são destituídos de seu exterior, tornam-se interiormente mais sábios do que o eram na Terra, pois sentem como se passassem da sombra para a luz, da ignorância para a sabedoria, ou de uma vida triste para uma vida bem-aventurada, ao unirem-se ao Divino, isto é, ao Céu. Estas coisas foram ditas para que se perceba qual é a diferença entre o homem natural e o homem espiritual, a despeito de ambos levarem uma vida externa semelhante.

É fácil verificar que os pensamentos de um homem estão voltados para aqueles objetivos que ele considera fundamentais na vida. Com efeito, o pensamento é a visão interna do homem, e como tal pode ser dirigido pela intenção, de maneira que está sempre se movendo de acordo com as determinações que recebe. Quando a visão interna se volta para as coisas do mundo natural e nelas se detém, o pensamento se torna mundano; quando a visão interna se volta para si mesma, o pensamento se torna corporal. Porém, se a visão se volta para o Céu, o

pensamento se torna celeste, porque a visão então se eleva. Se a visão se volta para si mesma, ela se desvia do Céu e mergulha nas coisas corporais; se volta para o mundo natural, se afasta do Céu e se dispersa nas coisas que estão diante de si. É o amor do homem que constitui sua intenção e que determina sua visão interna, direcionando-a para os objetos amados. O amor a si mesmo direciona a visão apenas para o próprio homem e para as coisas de seu interesse, enquanto o amor mundano direciona a visão para as coisas naturais. O amor celeste, porém, direciona a visão para as coisas do Céu. Daí decorre que, quando se conhece o amor de um homem, também se conhece seu estado interior.

O homem que ama o Céu eleva-se interiormente ao Céu, mas aquele que ama apenas a si mesmo ou ao mundo, fecha seu interior para o mundo natural. Podemos concluir que, neste último caso, o homem torna-se incapaz de ver os objetos que pertencem ao Céu e à Igreja. Esses objetos lhe aparecem como imersos em penumbra, por isso são negados ou não podem ser compreendidos. Segue-se que aqueles que amam a si mesmos e ao mundo sobre todas as coisas, excluem de seu coração a Verdade Divina, porque sua mente se fechou para as coisas elevadas. Não podem compreender nenhuma verdade, porque não têm por ela o apreço que dedicam às coisas mundanas e corporais. Em consequência, seu espírito ocupa-se exclusivamente daquelas coisas que chegam até ele através dos sentidos do corpo, e encontra nelas grande delícia. São coisas impuras, obscenas, profanas e criminosas... das quais o homem não consegue desviar-se porque não recebe influxo nenhum do Céu, visto que sua mente, como disse, está fechada para as coisas elevadas.

A intenção do homem -que dirige e coordena a visão interna ou pensamento - é sua, vontade pois o que o homem deseja é aquilo que ele busca. Quando ele dirige a intenção para o Céu, lá ele se fixa com o pensamento e a mente. Mais tarde ele volta a olhar para o mundo, e sente como se o observasse de cima do telhado de uma casa. Esse homem é capaz de ver o próprio mal e a própria falsidade, porque sua mente está acima de ambos. Ao contrário, aquele que negou a Verdade Divina, disso não se mostra capaz, porque não está acima da falsidade e

do mal, porém imerso em ambos. É fácil, portanto, compreender de onde provém a sabedoria ou a loucura do homem, como também é fácil descobrir o que ele se tornará após a morte, pois então desejará, pensará, agirá e falará somente segundo seu interior. Essas explicações foram dadas para mostrar como dois homens que exteriormente são semelhantes, podem se opor interiormente.

Não é difícil a vida que conduz ao Céu, como espero tenha ficado evidente. É suficiente que o homem se abstenha de fazer tudo aquilo que lhe pareça insincero e injusto, ou que seja contrário aos preceitos Divinos. Quando o homem se habitua a pensar assim, aos poucos ele se vi unindo ao céu. É nesse momento que a parte superior de seu espírito se abre a ele vê exatamente em que consiste a insinceridade e a injustiça. Quanto mais o homem as percebe, mais rapidamente ambas se dissipam, pois nenhum mal perdura se é visto tal qual é. O próprio homem é quem deve decidir se entrará ou não nesse estado, pois ele é livre e a escolha é sempre dele. Ora, quando o homem se inicia nesse estado, o Senhor vem em seu auxílio e mostra-lhe o que é o mal, para que ele o repudie. O Senhor afirmou: "Porque meu jugo é suave e meu fardo é leve" (Mateus, XI, 30).

É preciso esclarecer que a dificuldade de pensar espiritualmente e de resistir ao mal aumenta na medida em que o homem pratica o mal para satisfazer sua vontade. Ele se habitua tanto ao mal que acaba por amá-lo. Embevecido pelo prazer que o mal lhe proporciona, ele o desculpa, depois afirma que o mal é permitido e vê nele o próprio bem. Isso costuma acontecer àqueles que, na adolescência, se precipitaram inteiramente no mal ao mesmo tempo em que rejeitavam no coração as coisas Divinas.

Certa vez mostraram-me um caminho que conduz ao Céu e ao Inferno. Era muito largo e afluía através dele um grande número de espíritos. Um pouco mais à frente, justamente no lugar onde esse caminho terminava, havia uma pedra enorme. Dessa pedra saíam dois caminhos, sendo que um se abria para a direita e o outro para a esquerda. O caminho da esquerda era acanhado ou estreito, mas brilhava a luz do sol; o da direita, pelo contrário, era largo e espaçoso e conduzia obliquamente para baixo, onde se localizava o Inferno. Os espíritos que

para ali se encaminhavam, ao darem com a pedra, se separavam em dois grupos. Os bons espíritos tomavam o estreito caminho da esquerda, que conduz ao Céu. Mas os malévolos não viam a pedra, chocavam-se contra ela e se feriam. Quando se erguiam, apressadamente tomavam o largo caminho da direita, que se precipita rumo ao Inferno. Logo depois me foi explicado o que tudo isso significa: o primeiro caminho, muito largo, no qual afluíam vários espíritos que conversavam entre si como amigos, representava a vida que, exteriormente, é justa e sincera, igualando bons e maus espíritos. A pedra da bifurcação, contra a qual se chocavam os malévolos, representava a Verdade Divina, que é negada por aqueles que buscam o Inferno. Essa pedra também significa -e esse é o seu sentido mais elevado - a Humanidade Divina do Senhor.

Os espíritos que reconheciam a Verdade Divina e o Divino do Senhor imediatamente tomavam o caminho que conduzia ao Céu. Pude assim ver novamente que tanto os maus como os bons espíritos levam exteriormente uma vida semelhante e seguem um mesmo caminho, sem que este se faça mais difícil para um ou para outro. Entretanto, só os espíritos que reconheciam no coração o Divino, e principalmente aqueles que reconheciam o Divino do Senhor, eram conduzidos ao Céu. Os demais, eram levados ao Inferno.

Os pensamentos do homem, que procedem da intenção ou da vontade, são representados na outra vida por caminhos. Esses caminhos se apresentam absolutamente idênticos aos pensamentos a que se referem, e cada espírito, ao cruzar por eles, marcha conduzido pelo pensamento correspondente. Segue-se que é fácil reconhecer os espíritos e, a partir daí, seus pensamentos, verificando-se o caminho que escolheram. Assim está dito na Palavra Sagrada: "Entrai pela porta estreita (larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz para a perdição e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida e são poucos os que acertam com ela" (Mateus, VII, 13, 14).

O caminho que conduz à vida é estreito, pois são poucos os que o buscam, embora ele não seja difícil. A pedra na bifurcação do caminho largo e comum é uma ilustração das seguintes palavras do Senhor: "Que quer dizer, pois, o que está escrito: a pedra que os construtores

rejeitaram, esta veio a ser a principal pedra angular? Todo aquele que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó" (Lucas, XX, 17, 18).

A pedra significa a Verdade Divina, e a Pedra de Israel, o Senhor enquanto Humanidade Divina. Os construtores são os homens da Igreja. O ângulo principal é o início dos dois caminhos; cair sobre a pedra e quebrar-sé, é o mesmo que negar e perecer.

Conversei, na outra vida, com pessoas que em sua passagem pela Terra haviam se afastado dos afazeres mundanos para poderem viver na piedade e santidade. Conversei com outras que haviam se flagelado porque acreditavam que assim renunciariam ao mundo e dominariam os desejos da carne. Mas a maioria desses espíritos, ao sair dessa forma, conheceu apenas uma vida triste e destituída de caridade. Eles não puderam associar-se aos anjos, pois a vida dos anjos é a alegria da beatitude, e consiste em fazer boas ações que são obras de caridade. Ademais, aqueles espíritos que se mantiveram distantes das coisas do mundo, alimentam a idéia do mérito e, por conseguinte, desejam continuamente o Céu e concebem a alegria celeste como uma recompensa ignorando absolutamente em que consiste essa alegria.

Quando esses espíritos são introduzidos entre anjos e na alegria celeste, eles se espantam como pessoas que vêem coisas completamente estranhas a sua fé, pois a alegria celeste rejeita o mérito e compreende a realização de exercícios e deveres de onde provém a beatitude. Como esses espíritos não possuem a capacidade de receber essa alegria, eles se retiram e se associam àqueles que levaram vida semelhante na Terra.

Os espíritos que viveram externamente na piedade, sempre orando nos templos, que afligiram sua alma e que pensaram continuamente que seriam por isso tudo mais estimados e respeitados do que os outros, e até considerados como santos após a morte, não são na verdade conduzidos ao Céu na outra vida, pois agiram apenas pensando em si próprios. Mancharam a Verdade Divina mergulhando-a no amor a si mesmo, de maneira que alguns deles se tornam insensatos, a ponto de se acreditarem deuses - são enviados ao Inferno, onde se reúnem com seus semelhantes.

Outros são enviados aos infernos dos velhacos, porque exteriormente agiram de maneira ardilosa e induziram os simples a acreditar que possuíam uma santidade divina. Entre estes, encontram-se vários santos da religião católica romana. Conversei com eles e vi claramente a vida que tinham levado na Terra.

Estas coisas estão sendo ditas para que se compreenda que a vida que conduz ao Céu é uma vida no mundo, e não uma vida afastada dele. Uma vida de piedade sem uma vida de caridade, que não pode ser posta em prática no mundo, não conduz ao Céu. Ao Céu somos conduzidos pela vida de caridade, que implica sermos sinceros e justos em todos os negócios e afazeres, segundo uma razão interior, de origem celeste. Essa razão confere qualidade à vida quando o homem age com sinceridade e justiça porque isso está prescrito pelas Leis Divinas. Essa não é uma vida difícil, enquanto a vida de piedade destituída de caridade o é muitíssimo, e desvia o homem do Céu, na medida em que este se convence de que será conduzido para lá.

Fim